

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Clubes sociais negros em Porto Alegre – RS: a análise do processo de recrutamento para a direção das associações Satélite Prontidão e Floresta Aurora, trajetórias e a questão da identidade racial

Dissertação de Mestrado

Nara Regina Dubois de Jesus

Porto Alegre, 2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Nara Regina Dubois de Jesus

Clubes sociais negros em Porto Alegre – RS: a análise do processo de recrutamento para a direção das associações Satélite Prontidão e Floresta Aurora, trajetórias e a questão da identidade racial

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Gomes dos Anjos

Porto Alegre, maio de 2005

AGRADECIMENTOS

Durante todo o período de elaboração da dissertação tive o apoio de algumas pessoas que estavam presentes nesse caminho cheio de intempéries e percalços, não teria conseguido chegar ao fim sem o auxílio delas. Em primeiro lugar a minha mais profunda gratidão a minha família, principalmente de minha mãe, Ivone, e pai, Pedro Paulo, meus maiores amigos de todas as horas.

Devo um agradecimento especial, ao meu orientador, José Carlos Gomes dos Anjos, pela paciência, dedicação e pelas inúmeras leituras dos meus escritos durante o período de mestrado. Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação de Sociologia da UFRGS e CAPES pela concessão de bolsa durante o último ano do curso.

Aos colegas de curso, aos professores e aos amigos, principalmente as amigas de longa data, Mariana e Fernanda, agradeço o apoio, a solidariedade e a paciência principalmente nos momentos mais difíceis do percurso. Por fim, não conseguiria deixar de expressar a minha gratidão a cada um dos entrevistados que me recebeu em sua casa e nos clubes Floresta Aurora e Satélite Prontidão, dedicando-me parte de seu tempo e dividindo comigo suas histórias, uma contribuição fundamental para a pesquisa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 DISCUSSÃO TEÓRICA NA SOCIOLOGIA: NOÇÕES DE TRAJETÓRIA, <i>HABITUS</i> , ESPAÇO SOCIAL, IDENTIDADE ÉTNICA E CULTURA.....	17
1.1 Construção do problema de pesquisa.....	30
1.2 Cultura e Identidade.....	32
1.3 Questão racial e "construções" de identidades: uma discussão acadêmica.....	37
1.4 Militância, carreiras e lógicas de engajamento.....	43
2 HISTÓRICO DOS CLUBES SOCIAIS NEGROS EM PORTO ALEGRE – RIO GRANDE DO SUL.....	45
2.1 Vida associativa negra no Brasil: um breve histórico.....	45
2.2 Associação Satélite Prontidão.....	49
2.3 Associação Beneficente e Cultural Floresta Aurora.....	52
3 QUADRO DIRETIVO DAS ASSOCIAÇÕES NEGRAS SATÉLITE PRONTIDÃO E FLORESTA AURORA.....	56
3.1 Novos e antigos discursos, formas de atuação e condução dos clubes.....	56
3.2 Trajetórias, lógicas de engajamento e carreira militante.....	61
4 NOVO PERFIL DOS DIRETORES DAS ASSOCIAÇÕES NEGRAS SATÉLITE PRONTIDÃO E FLORESTA AURORA.....	73
4.1 Histórico do movimento negro no Brasil e o caminho trilhado pelos clubes sociais negros.....	73
4.2 Movimento Negro Unificado: o novo perfil de mobilização negra.....	76

4.3 O envolvimento com a "causa negra", a relação com as associações e recursos sociais.....	81
CONCLUSÃO.....	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
ANEXOS.....	101

LISTA DE SIGLAS:

ACMUN: Associação Cultural de Mulheres Negras

FNB: Frente Negra Brasileira

MNU: Movimento Negro Unificado

PDT: Partido Democrático Trabalhista

PT: Partido dos Trabalhadores

PTB: Partido Trabalhista Brasileiro

TEN: Teatro Experimental do Negro

UHC: União dos Homens de Cor

Unegro: União de Negros pela Igualdade

RESUMO

Os clubes sociais negros em Porto Alegre passam por constantes transformações em sua estrutura e funcionamento. Esses clubes permanecem em atividade atualmente, são entidades centenárias e fazem parte da história associativa da população negra em Porto Alegre (RS). A estrutura dessas associações permite a emergência de agentes que constituem seus quadros diretivos, diferentes relações políticas e trajetórias. Desse modo, o estudo está direcionado a esses agentes (presidentes, conselheiros e assessores), suas trajetórias, envolvimento com o movimento negro e as constantes redefinições (construções/desconstruções) de concepções de política e cultura. São redefinições de concepções que transformam as atuações e conduções das associações Floresta Aurora e Satélite Prontidão, estabelecendo também algumas fronteiras entre movimento negro e associações ou política e cultura. Essas transformações se dão ao longo de um processo histórico em que se estabelecem diferentes estratégias, por parte dos atores sociais em questão, disputando, assim, suas próprias fronteiras.

Palavras-chave: trajetórias, política, cultura, identidade racial

ABSTRACT

Afro-Brazilian cultural societies in Porto Alegre (RS) are constantly facing structural and organizational transformations. Floresta Aurora and Satélite Prontidão are centennial societies which are still active and are part of the history of the Afro-Brazilian population in Porto Alegre. Their structural organization occasions the emergence of agents who are members of their executive boards, as well as various political relationships and personal trajectories. Thus, the present study is focused on such agents (presidents, counselors and secretaries), their personal trajectories, their commitment to the Afro-Brazilian social movement and the constantly redefining concepts of politics and culture. This redefinition of concepts entail transformations in the actions and administrative orientation of these societies, as well as set the boundaries between Afro-Brazilian cultural societies and the Afro-Brazilian social movement and, or between politics and culture. Such transformations result from a long historical process during which social actors employ different strategies so that they end up setting those boundaries.

Key words: trajectories, politics, culture, racial identity.

INTRODUÇÃO

A profusão de associações culturais e beneficentes negras no Brasil aconteceu durante as décadas de 1920 e 1930 do século XX, nas principais cidades e principalmente nas capitais do País. A maioria dessas associações tinha como associados somente negros e pardos. No Rio Grande do Sul, especialmente na capital do estado – Porto Alegre – e em algumas cidades do interior (como Pelotas, Rio Grande e Rio Pardo), tais associações também estavam presentes.

No Brasil, as associações organizadas por negros remontam ao período colonial e tinham como objetivo satisfazer necessidades culturais, religiosas, econômicas, políticas e outras tantas, dessa população.

As irmandades religiosas tiveram grande importância na história da vida associativa negra no País. Essas irmandades eram organizadas sob a égide da Igreja Católica, eram instituições regidas por um estatuto, compromisso que deveria ser confirmado por autoridades eclesiásticas e pelos monarcas. Nesse compromisso estavam contidos os objetivos da irmandade, seu funcionamento, obrigações de seus membros e os direitos adquiridos ao se tornarem membros dessas associações. As irmandades eram fiscalizadas pelas autoridades eclesiásticas, que deveriam zelar e fiscalizar sua "vida espiritual".

As atividades religiosas das irmandades compreendiam a organização de procissões, festas e a coroação de rei e rainhas. Além dessas atividades, as irmandades também exerciam atividades de caráter social, como ajuda aos necessitados, assistência aos doentes, concessão de dotes, proteção contra maus tratos dos senhores e ajuda para a compra da carta de alforria (QUINTÃO, 2002).

Os clubes abolicionistas também tiveram grande importância no Rio Grande do Sul. Esses clubes foram fundados em todo o Brasil como forma de mobilizar a sociedade na luta pelo fim da escravidão; cidades como Recife, Rio de Janeiro e Pelotas fundaram tais entidades. Eram associações criadas por diversos grupos da sociedade para auxiliar a luta do escravo pela abolição. Após a abolição os negros aproveitaram sua "nova liberdade" para começar a criar novas organizações, independentes da Igreja, através das quais poderiam prosseguir com seus encontros.

No início do século XX, começam a ser fundadas as associações culturais e beneficentes negras. "Estas organizações variavam consideravelmente em seu caráter e organização, dependendo da origem de classe e das aspirações sociais de seus membros" (ANDREWS, 1998, p. 219). De algumas dessas organizações originaram-se os grupos carnavalescos, ou blocos, precursores das atuais escolas de samba. "Os membros dos grupos de carnaval eram em geral da classe operária, os negros que aspiravam a situação da classe média achavam que suas ambições não seriam particularmente bem vistas se pertencessem a essas organizações 'populares'. Entretanto, os negros em ascensão eram rigorosamente barrados dos clubes sociais e das sociedades de dança dos brancos [...]" (ANDREWS, 1998, p. 220). Assim, os negros que desejavam manter-se à parte da população negra menos abastada estabeleciam seus próprios clubes sociais. É dessa forma que a maioria das associações ou clubes negros no país se caracteriza, e em Porto Alegre não foi diferente.

Historicamente, as associações negras em Porto Alegre tinham como um de seus objetivos diferenciar-se, em alguns aspectos, como a comemoração do carnaval, dos chamados "agrupamentos populares". A realização de bailes fechados em suas sedes e concursos como "rainha do carnaval", "melhor fantasia", "melhor bloco", eram comuns e restritos aos associados. As associações funcionavam o ano inteiro, porém durante o carnaval as festividades eram mais intensas. Durante o ano as atividades eram divididas entre festas (como jantares e "chás para senhoras"), bailes (debutantes e temáticos) e aniversários.

As associações de negros tinham um propósito: "Queriam ser vistas e eram vistas como uma elite, como no caso da Sociedade Carnavalesca Elite Clube [...]" (Germano, 1999). A Sociedade Elite Clube, já extinta, estava localizada em um dos territórios negros¹ da cidade, chamado Colônia Africana. Essa associação tinha por costume realizar concursos de Rainha do Carnaval e Blocos de Carnaval, ricos em ornamentos, diferentes dos blocos de carnaval de rua, por exemplo, deixando claras as fronteiras existentes entre a chamada elite negra e os agrupamentos populares. As

¹ Locais, em Porto Alegre, ocupados por grande parte da população negra e parda. Territórios que a partir da década de 60 sofreram alterações urbanas, desterritorializando os espaços de sociabilidade dos antigos moradores. Os principais locais foram: Areal da Baronesa, Ilhota, Cabo Rocha e Colônia Africana.

fronteiras não eram intransponíveis, já que tais associações e grupos populares faziam parte de um mesmo território, existindo assim uma proximidade muito grande.

Entre as décadas de 1930 e 1940, a Sociedade Carnavalesca Prontidão estava localizada no bairro Cidade Baixa, outro território negro da capital. Em comparação com a Sociedade Elite, na época, era considerada uma sociedade menor e por isso passava por algumas dificuldades financeiras para se manter. Apesar dessas dificuldades, a Associação Prontidão almejava ter uma melhor organização e estrutura, para se igualar às sociedades de elite e deixava isto claro para a sociedade porto-alegrense, em anúncios publicados na imprensa escrita da época.

A Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora, a mais antiga associação negra na cidade, foi fundada em dezembro de 1872 por escravos alforriados. Estava situada no centro da capital, entre as ruas Floresta (atual Avenida Cristóvão Colombo) e Aurora (atual Rua Barros Cassal), segundo relatos de membros da associação, e esse encontro de ruas teria dado origem ao seu nome. Desde sua fundação, a Sociedade Floresta Aurora é considerada um dos pontos de referência “social e cultural” da população negra na capital gaúcha. A Sociedade Floresta Aurora surgiu com caráter beneficente, para auxiliar famílias negras em caso de óbito, custeando o funeral e prestando assistência, segundo registro histórico da própria entidade.

No decorrer do tempo, a Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora aumentou seu quadro social, adquirindo sede própria, sendo a primeira delas na Rua Concórdia (atual Rua José do Patrocínio), após, passou pela Rua Lima e Silva (bairro Cidade Baixa), pela Rua Curupaiti (bairro Cristal) e atualmente está localizada no bairro Pedra Redonda, na Avenida Coronel Marcos.

A Associação Satélite Prontidão foi criada a partir da fusão de duas entidades, uma fundada em 1902, que era a Associação Satélite, e a outra, com data de fundação em 1925, chamada Sociedade Carnavalesca Prontidão. Em 1956 surgiu "oficialmente" a Associação Satélite Prontidão, com sede na Rua Barão do Gravataí, no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre. A partir daí os membros da sociedade optaram por adotar a data mais antiga de fundação, ou seja, da Associação Satélite, em 1902, como data comemorativa. Com a fusão das associações os membros da direção adquiriram uma

sede, a primeira, no bairro Cidade Baixa, como citado acima, e mais tarde na Zona Sul da capital, na Rua Aparício Borges, onde se encontra atualmente.

As associações contemplam uma parte importante da história social dos negros porto-alegrenses. Ambas as sociedades estão em funcionamento na atualidade e serão os focos de estudos desta dissertação.

As questões sobre identidade étnica negra estão entre os assuntos mais abordados e discutidos atualmente em diferentes esferas da sociedade, principalmente nas universidades, instituições do tipo ONG's (Organizações não-governamentais) e em instituições organizadas por parcelas da população negra. Deste modo, a definição de uma identidade étnica negra é construída por um conjunto de agentes que atuam em diferentes espaços sociais e diferentes terrenos históricos. São profissionais de diferentes áreas, que "caminham" para construir um ideal de identidade étnica negra legítima, que seja reconhecida em diferentes espaços sociais.

As afirmações abaixo foram trabalhadas durante o desenvolvimento da dissertação, tendo importância significativa no estudo:

Os clubes negros aqui trabalhados possuem tipos diferentes de atuação entre duas gerações, chamado aqui de um conflito geracional. Uma primeira geração de agentes conserva uma imagem ligada a uma chamada "elite negra"², apostando na realização de eventos culturais, ou seja, festas temáticas, "chás para senhoras", bailes de debutantes e grandes bailes de carnaval de salão. Eram eventos característicos dos clubes sociais freqüentados pela população branca de classe média entre as décadas de 1940 e 1970. Essa primeira geração de diretores mantinha fortes laços que os uniam a algumas figuras políticas locais em relações personalistas. Esse tipo de prática política propiciava, para as associações e para esses agentes, prestígio, visibilidade e outros benefícios.

Um segundo perfil de direção emerge no final da década de 1970 e no início da década de 1980, desenvolvendo outro tipo de atuação nos clubes: o envolvimento com

² Elite negra aqui nunca representou uma parcela da população negra de classe média ou com algum *status*. A possibilidade de pertencer a uma classe média, ter destaque na sociedade e *status*, eram as principais aspirações desses indivíduos. Essa "elite negra" era formada por funcionários públicos da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, funcionários da Empresa de Correios e Telégrafos (principalmente carteiros) e ainda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

entidades do movimento negro passa a conduzir, politicamente, as associações. As formas de atuação, condução e atividades desenvolvidas nos clubes negros sofrem um processo de transformação com a emergência dos movimentos sociais urbanos em todo Brasil, principalmente com o desenvolvimento do movimento negro. Dessa maneira, as fronteiras que dividem essas formas de atuação e que produzem esse conflito geracional estão nas constantes construções/reconstruções dos conceitos de cultura e política, a partir do campo de relações em que estão envolvidos os atores sociais em questão.

Durante o trabalho de campo, foi possível observar que as mudanças estão presentes entre essas gerações, a partir de um desenrolar do processo histórico. Porém as relações que anteriormente eram estabelecidas entre dirigentes dos clubes e figuras que ocupavam cargos políticos passam agora a ser observadas por relações entre os novos dirigentes e entidades do movimento negro, fundações de apoio a políticas públicas de incentivo à população negra.

A dissertação está centrada na reconstrução de trajetórias política e social desses dirigentes. Isso implica em trazer à tona critérios de recrutamento para a composição dos quadros diretivos de cada clube e lógicas de engajamento, destacando também as mudanças de contexto no espaço social. A análise dos conflitos geracionais e da construção de uma definição legítima de identidade étnica negra está relacionada com a formação e o desenvolvimento dos estudos das relações raciais no Brasil, bem como o terreno histórico em que se deu a vida associativa negra no país.

A história da vida associativa dos negros no Brasil remonta ao período colonial, segundo Andrews (1998, p.218). Algumas formas organizacionais eram secretas, como as de capoeira e candomblé, outras, como as irmandades religiosas, eram "abertas" e organizadas sob a égide da Igreja Católica. Após a abolição da escravatura essas organizações variavam, dependendo das origens de classes e das aspirações sociais de seus membros. Algumas delas deram origem aos grupos carnavalescos e, mais tarde, às escolas de samba. Os negros em ascensão, no início do século XX, passaram a organizar, em várias capitais e cidades do interior do País, seus próprios clubes sociais. Nesse período – de 1900 até o final da década de 1940 – a ascensão social e o progresso econômico para a população negra passaram a ser discutidos por alguns membros dessa parcela da população. Os clubes sociais negros se ocupavam em

promover as festas e bailes da "elite negra"; as questões raciais, sociais e políticas problemáticas eram pouco exploradas, porém era inevitável que essas questões invadissem as vidas dos negros, que aspiravam a essa ascensão social e econômica.

No período do final da década de 1970, com a emergência dos movimentos sociais no país, os "movimentos negros" passam a atuar de forma mais efetiva na sociedade. Sendo assim, se constituem novos atores que passam a ter uma atuação de destaque em torno das problemáticas raciais do país. Desta forma, discute-se mais a questão do racismo no Brasil, os problemas sociais, políticos e econômicos enfrentados pela população negra, trazendo à tona a problemática em torno de uma construção de identidade negra brasileira. Essas discussões serviram também para que houvesse um reconhecimento público das problemáticas enfrentadas pela população negra. Nesse período destacaram-se algumas pessoas que estavam à frente de entidades do movimento negro, por todo o País.

No caso do Rio Grande do Sul, e mais especificamente da capital do Estado, no início da década de 1980 e início dos anos 1990, começaram a se desenvolver entidades do movimento negro. Essa nova mobilização negra reunia grupos negros com interesse na história, e principalmente na chamada "cultura negra", inspirada por uma onda de movimentos de independência na África Portuguesa e, nos movimentos dos direitos civis e no *Black Power*, nos Estados Unidos. Os ativistas e seguidores desse "novo" movimento negro, mesmo aspirando a um *status* de classe média, abandonavam os credos de conformismo e ascensão social e assim o discurso dessa nova mobilização aparecia mais "politicado" e estava baseado na raça e na classe. A ascensão social e o conformismo, no final da década de 1970, estavam marginalizados e desacreditados, como forma de discurso político, dentro do movimento negro.

O movimento negro neste período – final da década de 1970 e começo dos anos 1980 – traz consigo, como questão principal, a identidade racial. Para os militantes do movimento, a identidade racial passava a assumir uma forma de similaridade entre pessoas de cor parecida, mas não idênticas, através de seu contraste com os indivíduos brancos. Com a falta de características fenotípicas dicotômicas no país, existia aí uma importância estratégica, permitindo que "mulatos e pardos", que se consideravam "negros", se assumissem como "afro-brasileiros". Era uma estratégia politicamente

importante para o movimento negro, porém não significou um aspecto muito importante de mobilização da massa negra. Essas questões, que tomavam conta da "nova" mobilização negra, eram "contrárias" às da mobilização das décadas anteriores (de 1920 até meados de 1960).

Na sua maioria, as associações beneficentes negras nasceram nas décadas de 1920 e 1930, e seus presidentes estavam envolvidos com formas políticas mais culturalistas, contrapondo-se assim ao "novo" movimento negro que começava – no final da década de 1970 e início de 1980 – a envolver-se também com os cargos dos quadros diretivos das associações. Dessa maneira, se configura um conflito geracional de importância fundamental no processo de seleção de presidentes, conselheiros e assessores nas associações. Esses novos membros do quadro diretivo de cada associação também têm uma atuação dentro de entidades do movimento negro, realizando, assim, atividades "específicas" em tais entidades e trazendo, para dentro das associações, discussões e atividades ligadas ao movimento negro.

Os presidentes, assessores e conselheiros de gerações anteriores e que ainda estão em atividade nas associações estão situados no espaço de uma atuação culturalista e têm uma maneira diferente de definição das associações e de concepções, mudando, assim, o modo de condução dos clubes.

Assim, algumas definições são importantes para um grupo e para outro; são definições que diferem, porém estão lado a lado. As definições de identidade racial, para esses diferentes agentes, é algo que está em jogo aqui também. Essa construção de identidade racial se atrela à seleção de indivíduos aos cargos do quadro diretivo das associações, que é o espaço de conflito, confrontos, oposições e diferentes tomadas de posições entre os dirigentes. Para entender esses conflitos é necessário relacionar a construção de trajetórias, lógicas de engajamento e de retribuição no envolvimento com o movimento negro e também nas formas de políticas adotadas por cada grupo. Desta maneira, é preciso considerar as condições estruturais do espaço em que os agentes estão inseridos. A relação entre trajetórias, lógicas de engajamento e de retribuição é considerada como condição social que pode determinar e definir os conflitos de legitimação de uma identidade racial, ou "identidade étnica negra".

A análise desses elementos foi realizada a partir de entrevistas semi-estruturadas com os atuais membros do quadro diretivo, conselheiros, assessores e agentes que não fazem mais parte do quadro, porém continuam como sócios das instituições. Foram realizadas 27 entrevistas, todas com a utilização de roteiro, três entrevistas (história de vida) realizadas no ano de 1996, dentro do projeto de pesquisa "Negros em Porto Alegre: Memória e Trajetória" (gentilmente cedidas pela Profa. Dra. Daisy Macedo de Barcellos, coordenadora do projeto), e ainda cinco entrevistas sem roteiro pré-determinado (gravadas) com antigos sócios dos dois clubes, que fizeram parte do quadro diretivo das duas associações durante as décadas de 1950 e 1960, totalizando, assim, 35 entrevistas.

A análise do discurso, realizada com o material empírico, está focalizada em algumas questões como: quais as atividades realizadas nas associações e como são definidas, a partir de um maior ou menor envolvimento com a "causa negra" (movimento negro)? Como são definidas as associações para um e outro grupo de agentes envolvidos com o quadro diretivo? O que é considerado política e cultura para esses agentes?

Além disso, as entrevistas realizadas tiveram por finalidade levantar uma série de informações a respeito das trajetórias sociais e profissionais dos agentes responsáveis por cargos do quadro diretivo das associações Satélite Prontidão e Floresta Aurora e de suas lógicas de engajamento nos "movimentos negros". Os objetivos principais estavam em reconstituir a estrutura das posições e disposições que permitiram aos agentes em questão percorrer diferentes trajetórias sociais e profissionais, que orientam e orientaram suas escolhas e pontos de vista. Isso possibilitou o agrupamento de informações sobre o processo de engajamento no movimento negro por parte dos agentes.

A presente dissertação foi dividida em quatro capítulos: O primeiro capítulo tem por objetivo apresentar algumas referências teóricas e conceitos utilizados para a análise das questões propostas aqui. Além disso, inserir as questões importantes da dissertação em contexto mais amplo, discutindo com um referencial teórico que traz à tona as questões ligadas à sociedade civil (Habermas) atrelada aos estudos de trajetórias (Bourdieu).

O segundo capítulo apresenta um histórico dos clubes sociais negros em Porto Alegre, partindo de um breve histórico das entidades negras no Brasil – irmandades religiosas, entidades carnavalescas e clubes. Esse capítulo tem a finalidade de apresentar a importância da vida associativa negra no país, da formação e desenvolvimento das associações Satélite Prontidão e Floresta Aurora, em Porto Alegre.

Os capítulos 3 e 4 apresentam os dados empíricos da pesquisa, com o quadro diretivo das duas associações, o perfil desses agentes, suas trajetórias sociais e profissionais, lógicas de engajamento nos movimentos negros e, ainda, atividades realizadas, confrontos geracionais e as diferentes definições construídas, pelos agentes, em relação às associações. O quarto capítulo encerra a dissertação com uma discussão que gira em torno do novo quadro diretivo dos clubes negros e seu envolvimento com entidades do movimento negro e fundações de apoio às questões relacionadas à população negra no país bem como as relações políticas, que ora transformam, ora mantêm as diretrizes, formas de atuação e condução dos clubes negros.

1. DISCUSSÃO TEÓRICA NA SOCIOLOGIA: NOÇÕES DE TRAJETÓRIA, HABITUS, ESPAÇO SOCIAL, IDENTIDADE ÉTNICA E CULTURAL

Este primeiro capítulo pretende discutir as noções de trajetória, *habitus*, espaço social, identidade étnica e cultura, e a importância desses conceitos na construção da hipótese principal desta dissertação, permitindo assim analisar as tomadas de posição dos agentes envolvidos com os clubes negros. Essas tomadas de posição estão ligadas ao percurso profissional, à estrutura do campo em que os agentes estão inseridos, com suas trajetórias sociais e lógicas de engajamento junto ao "movimento negro". O estudo sobre trajetórias tem grande importância dentro da presente dissertação. A partir do momento em que consideramos as diferentes trajetórias sociais dos agentes que estão envolvidos com os cargos disponíveis nas associações negras e com entidades do movimento negro, trazemos à tona uma série de conflitos e lutas em torno das formas de engajamento e, principalmente, na condução dos clubes. A possibilidade de trabalhar com algumas questões discutidas por Habermas nos permite pensar, a partir de outra perspectiva, as constantes redefinições de fronteiras, concepções de cultura e política e estratégias dos atores sociais envolvidos com os clubes negros. Essa possibilidade de trabalhar com Habermas não significa um comprometimento teórico, nem uma profunda discussão com preceitos do autor, mas sim a chance de relativizar algumas questões importantes da dissertação.

As reivindicações das entidades que lutam pela "causa negra", juntamente com as demais "lutas populares", surgem como uma nova contratualidade, que se enuncia em uma legalidade emergente, construída nas formas negociadas de arbitragem de conflitos. Dessa maneira, se estabelecem novas relações entre os "movimentos" e o Estado, transformando práticas de clientelismo e assistencialismo em formas de gestão, que podem se abrir à participação popular e formas de negociação em que demandas e reivindicações estabelecem a pauta de prioridades e relevância na distribuição de recursos públicos. Existe aí uma reinvenção e uso das chamadas "leis da cidade", em que movimentos organizados, entidade civis e cidadãos mobilizados parecem realizar o que Habermas (1990) chama de soberania popular descentralizada e pluralizada, em diferentes espaços públicos nos quais direitos e aspirações são afirmados como critérios de julgamento e legitimidade de atos públicos que afetam a vida de todos.

A partir daí, podemos argumentar que essas ações são bastante fragmentárias e instáveis nas conquistas alcançadas, ou seja, não atingem grandes maiorias, embora esse seja o objetivo e, principalmente, não são suficientes para quebrar as relações de corporativismo e clientelismo de profundas raízes na história política do país. As contradições estão presentes, essas relações são algumas vezes limitadas e fracas, no entanto, essas experiências podem ser tomadas como registros de uma sociedade civil emergente, na qual as relações sociais são mediadas pelo reconhecimento de direitos e representações de interesses. Nas formas de interlocução possível se estabelecem regras de reciprocidades, esperadas por ambos os lados, que articulam diferenças e interesses. Assim, é possível afirmar que se instauram, nessas relações, formas contratuais na vida social. Trata-se de um contrato ancorado em contextos societários diversos e regido por regras a serem reinventadas e negociadas no decorrer do tempo.

A relação aqui existente entre as questões habermasianas e os estudos sobre trajetórias se dão menos pelo conceito de sociedade civil (embora esse conceito tenha importância aqui) e mais pelas redefinições de concepções apresentadas pelos atores sociais. Sendo assim, o *link* de maior importância nesse recorte de estudo está em perceber a dinâmica das relações (construção/desconstrução/reconstrução) que atores sociais específicos constroem, inventam/reinventam concepções de política e cultura, bem como as fronteiras estabelecidas e, conseqüentemente, suas estratégias.

A sociedade civil representa uma dimensão do mundo sociológico de normas, práticas, papéis, relações, competências, ou um ângulo particular de olhar este mundo do ponto de vista da construção de associações conscientes, vida associativa, auto-organização e comunicação organizada. A sociedade civil tem, assim, um âmbito limitado, pois é parte da categoria mais ampla do "social", ou do "mundo da vida" (HABERMAS, 1984). Ela se refere às estruturas de socialização, associação e formas organizadas de comunicação do mundo da vida, na medida em que elas estão sendo institucionalizadas.

A concepção de sociedade civil, aqui, vai ao encontro de alguns preceitos habermasianos, ou seja, de uma sociedade civil moderna capaz de preservar sua autonomia, e formas de solidariedade face ao Estado e a Economia. Esse "terceiro caminho" busca, em outras palavras, garantir a autonomia da economia e do estado

moderno, ao mesmo tempo em que protege a sociedade civil da penetração destrutiva realizada por aquelas duas esferas. Não só protege como garante a diferenciação da sociedade civil, do que Habermas chamou de "sistema" – o estado e o mercado – bem como sua influência reflexiva sobre essas duas esferas por meio das instituições da sociedade política e econômica.

É importante ressaltar que as normas da sociedade civil - direitos individuais, privacidade, associações voluntárias, legalidade formal, pluralidade, publicidade, livre iniciativa - foram institucionalizadas na sociedade de forma heterogênea e contraditória, entrando em conflito com a lógica econômica do lucro e com a lógica política do poder. Assim, se mostram importantes os movimentos sociais que surgiram para defender os espaços de liberdade ameaçados pela lógica do "sistema". É verdade que a política da sociedade civil não se resume à contestação realizada pelos movimentos sociais. Fazem também parte de sua política as formas institucionais normais de participação - votar, militar em partidos políticos, formar grupos de interesse ou *lobbies*. São nesses espaços que podemos também pensar as questões de importância dos clubes sociais negros, principalmente as redefinições, reinvenções e reconstituições de conceitos. O papel político da sociedade civil não está diretamente relacionado à conquista e controle do poder, mas à geração de influência na esfera pública cultural. O papel mediador da sociedade política, entre a Sociedade Civil e o Estado, é indispensável, assim como o enraizamento da sociedade política na sociedade civil.

A análise habermasiana visualiza a sociedade enquanto esfera simultaneamente pública e política, na qual a explicação da ação social se articularia com o movimento político de defesa da sociedade contra a penetração dos subsistemas nas formas comunicativas de ação. Na modernidade ocidental ocorreu, segundo Habermas, um processo de diferenciação das estruturas de racionalidade, que dissociou as estruturas sistêmicas das estruturas comunicativas do mundo da vida. Não se trata de teoria dualista de diferenciação entre Estado e Sociedade, mas de uma forma múltipla de diferenciação, pois as estruturas sistêmicas econômicas e administrativas não só se diferenciam do mundo da vida, mas também diferenciam entre si. É importante assinalar que tanto o sistema quanto o mundo da vida são atravessados pelas dimensões do público e do privado. No sistema, o público é o Estado, o privado é a Economia. No mundo da vida, o público é a participação política dos cidadãos, e o privado é a família.

Essas quatro dimensões (estado/economia e formação de opinião pública/família) se relacionam por uma série de trocas possíveis, pelos meios de controle que envolve "dinheiro e poder".

O conflito entre Estado e Mercado, de um lado, e as estruturas interativas do mundo da vida, de outro, leva esse último a se organizar em movimentos sociais fundantes da democracia que, para Habermas (1984), é a institucionalização, no sistema político das sociedades modernas, dos princípios normativos da racionalidade comunicativa. A esfera pública é o local de disputa entre os princípios divergentes de organização da sociabilidade. Os movimentos sociais constituem os agentes que reagem à reificação e à burocratização, propondo a defesa das formas de solidariedade ameaçadas pela racionalização sistêmica. Eles disputam, com o Estado e com o Mercado a preservação de um espaço autônomo e democrático de organização, reprodução da cultura e formação de identidade e solidariedade. Por um lado, os clubes sociais negros entram também nessa disputa com o Estado e o Mercado a partir do momento em que estão envolvidos e fazem parte de uma rede de entidades consideradas do movimento negro e dos movimentos sociais como um todo. Por outro lado, existe um conjunto de elementos fundamentais para a estrutura desses clubes que os deixam distante dessas "lutas", fazendo com que se armem outras vias de negociações.

Habermas rompeu com a correlação ideológica unívoca entre sociedade civil e esfera privada, entendida como Economia, e o Estado entendido como esfera pública. Há uma esfera privada no "sistema" (economia) e uma esfera pública não-estatal, constituída pelos movimentos sociais, ONGs e associações. Os conceitos de público e privado não se aplicam mais automaticamente ao Estado e à Sociedade Civil, respectivamente. É possível dizer atualmente que existem também as esferas do estatal-privado e do incipiente social-público.

Essas entidades e movimentos da sociedade civil, de caráter não-governamental, não-mercantil, não-corporativo e não-partidário podem assumir um papel estratégico quando se transformam em sujeitos políticos autônomos e levantam a bandeira da ética, da cidadania, da democracia e da busca de um novo padrão de desenvolvimento que não produza a exclusão social.

A importância de reconstituição das trajetórias sociais dos atores está em perceber a constante invenção e reinvenção de concepções que fazem parte das estratégias construídas pelos atores. Existe assim uma reconstrução, uma transformação nas relações entre Sociedade Civil e Estado, Cultura e Política que pode se refletir, por exemplo, nas diferentes formas de atuação e condução dos clubes. O interessante desse estudo está em perceber como essas esferas estão em constante reconstrução e como os atores sociais transcendem esses limites estabelecendo uma comunicação entre elas. É por meio das transformações e "novos" discursos, relações, práticas, valores que os atores constroem e reconstróem "novas" concepções, e sendo assim, a análise das trajetórias sociais desses agentes é fundamental.

A argumentação principal desta dissertação passa pelas seguintes questões: os clubes sociais negros em Porto Alegre (RS) são entidades centenárias de grande importância que permanecem em funcionamento atualmente. A estrutura dessas entidades permite o surgimento e ascensão de agentes que se envolvem em diferentes relações políticas, traçando diferentes trajetórias. Os agentes em questão, neste estudo, são os presidentes, assessores e conselheiros das associações Floresta Aurora e Satélite Prontidão. Partindo da hipótese principal que traz à tona um conflito geracional entre os membros do quadro diretivo das associações, este estudo tem como eixo central de argumentação as transformações das formas e práticas de condução dos clubes e das formas políticas adotadas por uma chamada "nova geração" que emerge nos clubes juntamente com a efervescência dos movimentos sociais urbanos no Brasil, contrariando o modo de atuação de uma chamada "velha guarda" dos clubes, formada pelos "sócios-fundadores" que participam ativamente do quadro diretivo das associações.

A "velha guarda" de presidentes, assessores e conselheiros carrega, como bagagem, formas políticas de condução dos clubes apoiadas em práticas políticas tradicionais, personalistas e clientelistas que fizeram parte de um momento histórico do país. Os laços estabelecidos por membros da "velha guarda" dos clubes e figuras políticas com um certo reconhecimento na sociedade fazem parte de um modelo político mais personalista. Essa relação de auxílio mútuo entre as partes envolvidas era cultivada por meio da troca de favores. Esses favores podiam ser revertidos em apoio e benefícios para os clubes. A "nova geração" procura transformar essas práticas, trazendo em seu

discurso e atuação uma chamada maior "politização" que está relacionada à importância do envolvimento com o movimento negro e as problemáticas discutidas pela militância negra. Nessas novas formas políticas as relações passam por transformações, ou seja, as relações são mantidas com entidades do movimento negro ou fundações de apoio à "causa negra". As questões citadas acima estão intimamente ligadas às reinvenções de concepções de política e cultura que estabelecem e norteiam as fronteiras e às estratégias dos atores, possibilitando, assim, a redefinição de concepções que estão vinculadas às trajetórias e às estratégias dos agentes.

A análise das diferentes construções de trajetórias (profissionais, políticas, sociais) permite entender a escolha dos agentes (presidentes, conselheiros, assessores) que se envolvem no quadro diretivo dos clubes. A forma como os clubes estão, foram ou serão conduzidos passa por uma escolha de atuação e condução que está relacionada com as diferentes trajetórias dos atores. No estudo das trajetórias também podemos considerar as posições ocupadas por esses indivíduos no espaço social em que estão inseridos. A posição que os agentes ocupam nos clubes (de presidentes ou diretores a assessores e conselheiros), as suas posições sociais de origem, a posição que ocupam dentro de uma hierarquia do quadro diretivo, e a posição ocupada na estrutura de distribuição de tipos de capitais (escolar, cultural, social e outros) fazem parte desse conjunto de elementos analisados nos estudos de trajetórias. A análise da relação entre as posições sociais, as disposições (o *habitus*) e as tomadas de posição ou escolhas feitas pelos agentes sociais em diferentes domínios, está em jogo nesse estudo. A noção de trajetória, aqui, está relacionada a uma série de posições ocupadas por um mesmo agente (ou grupo), em um espaço que está sempre se transformando, vinculado a outros agentes e estrutura da rede (BOURDIEU, 2003).

Os agentes em questão são vistos como tendo posições e ações que dependem também de aspectos estruturais que contribuam para que fossem construídas certas percepções. Os interesses que norteiam os agentes estão relacionados com as lutas por uma certa legitimidade ligada ao envolvimento com o movimento negro e todas as questões que cercam "a causa", principalmente quando se fala em construção de uma "identidade étnica negra". Dessa maneira, as estratégias e interesses que orientam esses indivíduos dependem da posição que ocupam em certo espaço, da distribuição de capitais (cultural, econômico, escolar, etc.) e também de suas origens.

Pierre Bourdieu e o teórico que se volta para a reprodução do capital social, para o campo em que instituições, grupos e indivíduos tornam-se capazes de manter uma sociedade e de possibilitar caminhos para sua transformação. Particularmente ocupado com a sociedade francesa, Bourdieu motivou estudos em diversos lugares, inclusive no Brasil, especialmente sobre constituição e reprodução de elites variadas, tanto de trabalhadores rurais e urbanos, quanto de intelectuais. Bourdieu tem a particularidade de dar uma certa predominância às estruturas sociais e aspectos macrossociais da realidade, "integrando de maneira variável, as dimensões subjetivas e interacionais" (CORCUFF, 2001).

Segundo Pierre Bourdieu (1990), é fundamental preocupar-se com uma forma de trabalhar com essas duas dimensões, vendo em que medida elas podem complementar-se. Esse teórico propõe a seguinte forma de análise: de um lado encontramos as estruturas objetivas construídas pelo sociólogo no "momento objetivista", rejeitando as representações subjetivistas dos agentes que "são os fundamentos das representações subjetivas e constituem as coações estruturais que pesam nas interações" e de outro lado, as representações também devem ser asseguradas, principalmente se o pesquisador quiser explicar as lutas cotidianas (individuais ou coletivas) que visam transformar ou conservar essas estruturas.

O que Pierre Bourdieu chamou de *construtivismo estruturalista*, em suas elaborações teóricas, sintetiza, de maneira clara, a originalidade de seus estudos. O *construtivismo estruturalista* tem como fundamental característica a união do objetivo e do subjetivo. Assim, o *construtivismo* diz respeito por um lado a uma gênese social dos esquemas de percepção e de pensamento chamado *habitus* e, por outro lado, a estruturas sociais, chamadas de *campo*. O *estruturalismo* está no próprio social, que são estruturas objetivas independentes da consciência e vontade dos agentes e podem orientar ou estabelecer limites em suas práticas e representações (BOURDIEU, 1999).

As noções de *habitus* e *campo* na teoria de Bourdieu são importantes. O princípio da ação histórica, da ação de cada agente em diferentes áreas de atuação, não é o de um sujeito que se opõe à sociedade, como faria um objeto constituído na exterioridade. Esse princípio da ação histórica reside na relação entre dois estados do social, isto é, a história objetivada nas coisas, sob a forma de instituições, e a história

encarnada nos corpos, sob a forma de um sistema de disposições duráveis, que Bourdieu chamou de *habitus*. Desse modo, é o encontro do *habitus* com o *campo* que aparece como o mecanismo principal de produção do mundo social (CORCUFF, 2001).

As estruturas sociais da subjetividade de cada sujeito que se constitui em um primeiro momento por meio de primeiras experiências, posteriormente vai se formando na vida adulta, compreendemos por *habitus*. É o jeito em que as estruturas sociais se organizam psicológica e fisicamente nos sujeitos, pela interiorização da exterioridade.

A noção de espaço social, segundo Bourdieu, contém em si o princípio de uma apreensão relacional do mundo social; essa noção determina que toda a realidade que designa reside na exterioridade mútua dos elementos que a compõem. Os agentes e grupos existem na e pela diferença, ou seja, enquanto ocupam posições relativas em um espaço de relações (BOURDIEU, 2003). Isso significa que a noção de campo está intimamente ligada à noção de espaço social.

[...] O campo é o espaço de relações de força entre os diferentes tipos de capital ou, entre os agentes suficientemente providos de um dos diferentes tipos de capital para poderem dominar o campo correspondente e cujas lutas se intensificam sempre que o valor relativo dos diferentes tipos de capital é posto em questão [...] (Bourdieu, 2003, p. 52).

As origens sociais e as disposições analisadas aqui correspondem ao *habitus*, ou seja, às propriedades incorporadas pelos agentes em questão. Essas propriedades incorporadas vão desde a maneira de se comportar até ao esquema de percepção, permitindo compreender as escolhas e tomadas de posição dos agentes que optam por um militância (no movimento negro) ou não, dentro das associações sociais negras.

As estratégias dos agentes e das instituições envolvidas nas lutas (conflitos) dos clubes sociais negros, suas tomadas de posição (específicas ou não), podem depender da posição que os agentes ocupam na estrutura do campo, isto é, na distribuição do capital (social, simbólico, cultural, etc.), institucionalizado ou não (reconhecimento interno ou notoriedade externa). A mediação das disposições constitutivas de seus *habitus* (relativamente autônomo em relação à posição) leva esses agentes a conservar ou a transformar a estrutura dessa distribuição, logo, a perpetuar as

regras do jogo ou a subvertê-las (BOURDIEU, 2003). Na estrutura hierárquica do quadro diretivo das associações é possível perceber a diferença do peso das decisões dos atuais diretores e dos conselheiros (que em sua maioria foram antigos diretores), no que diz respeito às atividades desenvolvidas nas entidades e nas diretrizes que regem os clubes.

Esses fatos podem estar relacionados com a posição ocupada por cada agente no espaço social e também à sua posição social de origem. Isto significa que o agente é considerado um indivíduo que tem posições e visões de mundo que dependem das relações objetivas – dos aspectos estruturais – para a construção das suas percepções.

Assim, é preciso considerar as diferentes trajetórias³ dos agentes que fazem parte do quadro diretivo das associações negras. Analisar a construção de diferentes trajetórias permite compreender o recrutamento dos indivíduos que presidem os clubes. Desta maneira, a forma de atuação na diretoria dos clubes está relacionada a cada trajetória. A análise das trajetórias significa também levar em consideração as posições ocupadas pelos agentes no espaço social, ou seja, a ocupação (ou posição ocupada) na estrutura de distribuição dos diferentes tipos de capital (escolar, cultural, econômico, etc.) e as suas posições sociais de origem.

O *habitus* do agente está relacionado às suas origens e disposições. As origens e disposições dos agentes podem demonstrar que as tomadas de posição⁴ podem estar relacionadas com uma série de posições sucessivamente ocupadas, por um mesmo agente, em um espaço social (BOURDIEU, 2003, p.81). Os aspectos estruturais contribuirão para a construção das percepções dos agentes envolvidos com os cargos oferecidos pela direção dos clubes sociais negros da cidade de Porto Alegre, que têm posições e visões de mundo que dependem de relações objetivas. É necessário perceber o porquê das diferentes tomadas de posição, em momentos determinados da trajetória dos agentes envolvidos, e como as tomadas de posição podem estar relacionadas às diferentes origens sociais e capitais. Nas trajetórias dos agentes é necessário considerar também algumas relações estabelecidas entre os diretores dos clubes que contribuem na percepção de diferentes trajetórias. A análise dos processos de engajamento nos permite relacionar as diferentes trajetórias com a carreira dos agentes.

³ Trajetórias sociais, profissionais e políticas.

⁴ Estar ligado a entidades do movimento negro, ONG's, fundações ou não fazer parte dessa "rede".

A possibilidade de trabalhar trajetória e carreira nos permite trazer à tona a acumulação de vários recursos (recursos políticos, por exemplo) e as experiências de engajamento que fazem com que os presidentes das associações apostem e invistam nas relações com o “movimento negro” ou não, tornando-se assim “presidentes engajados na militância negra” ou “presidentes com uma lógica de engajamento culturalista” (SAINTENY, 1990). Assim, deve-se levar em consideração uma série de interações entre os agentes, interações que também podem ser aleatórias e ocasionais. O engajamento individual parte do pressuposto de que os agentes (atores sociais) façam parte de *múltiplos* mundos e submundos sociais que podem, em alguns momentos, entrar em conflito. Dentro desses múltiplos locais e espaços onde os agentes estão submetidos a normas, lógicas e regras diferentes (e conflituosas), cada indivíduo pode incorporar uma série de esquemas de ação (FILLIEULE, 2001).

A compreensão dos processos de engajamento dos presidentes das associações e de suas carreiras de militância no movimento negro requer apreender elementos da biografia desses agentes e o desenvolvimento das experiências vividas por eles dentro da multiplicidade de *submundos sociais*. O processo de engajamento permite analisar o tipo de envolvimento de presidentes, conselheiros e assessores com o movimento negro e com as questões étnicas que permeiam o movimento. Isso significa analisar os tipos de contatos e experiências que se estabelecem entre esses agentes e as entidades do movimento negro; como vivenciam essas experiências e ainda como o engajamento e a interação podem modificar a maneira de condução, organização e atuação no quadro diretivo dos clubes (AGRIKOLIANSKY, 2001).

Assim, o tipo de engajamento que se estabelece com o movimento negro ou com políticas locais possibilita a “abertura de portas” ou acesso a serviços que interessam ao clube e aos presidentes, conselheiros e assessores. A lógica de engajamento, segundo Fillieule, possibilita pensar como os “recursos adquiridos” em um certo espaço podem ser “reconvertidos” em outras esferas de ação, ou seja, a militância e o engajamento podem ser utilizados para o aumento de possibilidades de acesso e visibilidade em uma “carreira de militância”. A participação desses agentes, na militância e no engajamento, pode fazer parte de uma articulação estratégica que poderá legitimar seus discursos. As decisões, o discurso e a construção principalmente de questões relacionadas a uma certa “identidade étnica” são aceitas nas associações e nas

entidades ou organizações do movimento negro. As posições ocupadas pelos agentes no quadro diretivo das associações são consideradas posições estratégicas (FILLIEULE, 2001).

Deste modo, analisar as trajetórias profissionais, sociais, militantes, políticas, etc., desses agentes e as diferentes lógicas de engajamento permite fazer a relação entre algumas condições objetivas e subjetivas em questão. As trajetórias e lógicas de engajamento conduzem as formas de atuação dos diferentes presidentes, como esses agentes atuam nos clubes e, conseqüentemente, nas atividades desenvolvidas nas associações. Esses elementos permitem-nos compreender o investimento e o interesse dos presidentes em determinadas questões ligadas à militância negra. A diversidade de suas trajetórias permite entender a escolha de condução das associações negras e definição (ou reconstrução) de "identidades negras". Os processos de construção identitárias podem ser pensados, de acordo com Martin⁵: os processos de construção identitária consistem em fazer uma relação entre estratégias utilizadas por um grupo de "intermediários" almejando um certo prestígio e ocupação e os "sentimentos" partilhados por uma parte dos indivíduos que fazem parte das associações. Desta maneira, a força de mobilização de uma afirmação identitária repousa sobre uma chamada "afetividade" advinda da população em questão e estratégias políticas dos "intermediários políticos".

É preciso entender os mecanismos e modalidades de "reconversão" de recursos sociais presentes nas apresentações de candidatos à presidência, conselho, assessoria e outros cargos disponíveis nas associações. Assim a análise do recrutamento de candidatos à presidência, conselho e assessoria dos clubes negros será realizada, visando como se dá a ocupação desses postos. Isto significa que nesse ponto também estão em jogo as relações entre recursos de origem e "posição social", e ainda, as tomadas de posição. Sabe-se que em uma análise deste tipo os indicadores de posição e origem social são importantes, porém não são suficientes. Devemos apreender também as lógicas que estão subjacentes às tomadas de posição. Existe um vínculo entre os recursos de legitimação e a origem, e também entre diferentes esferas de inserção e os esquemas de ação que marcam as trajetórias dos agentes em questão. A utilização de

⁵ Denis-Constant Martin: estudo sobre "identidades políticas", ou seja, o conceito de identidade dentro da análise dos fenômenos políticos.

uma “sociografia” aqui é fundamental. A sociografia abrange problemas relativos à formação de elites, seu recrutamento, seleção, suas relações com a estrutura dos poderes e processos decisórios, mas além disso, a sociografia tem como principal objetivo a busca de um entendimento de eventuais relações entre origens e trajetórias sociais e princípios de legitimação usados para ingressar em atividades e ocupação de cargos específicos (CORADINI, 2001).

Algumas características desses agentes podem se constituir em recursos presumidos como relevantes para que se assumam um cargo (de presidente, conselheiro ou assessor). Nesse caso, deve-se evidenciar no processo de legitimidade uma legitimação de características sociais pertinentes. Outro ponto importante, destacado por Coradini (2001) em seu estudo sobre recursos sociais e recrutamento de elites políticas, tem relevância para o estudo acerca do recrutamento de presidentes, conselheiros e assessores dos clubes negros: na relação entre qualquer característica ou recurso social de origem e ascensão, em qualquer esfera, a “reconversão” existente nunca é direta. Esta “reconversão” sempre dependerá de lógicas sociais diferentes, ligadas a esferas igualmente diferentes, fazendo com que os interesses em jogo e o valor possam ter significados diferentes.

A origem e trajetória social, sob o ponto de vista de uma sociografia, serve como medida de posição social, sem a pretensão de transformar qualquer indicador de origem e trajetória social em recurso de legitimação. Além de medida de posição social esses indicadores também servem para se compreender as condições das “reconversões” em recursos políticos e seus significados. Então, são de grande importância as classificações ligadas a origens e posição social. Além disso, as lógicas sociais subjacentes e concepções de política e cultura trazem à tona diferentes usos e dão sentido à associação de imagem do agente a determinadas classificações. As esferas política e cultural aqui se apresentam como problemas de ordem empírica e não conceitual.

Alguns dos elementos importantes para a análise das trajetórias são: a existência de um processo de expansão da escolarização que levou e leva os atuais presidentes, conselheiros e assessores dos clubes negros ao militância, e ainda, as diferentes modalidades de concepção e práticas políticas que estão atreladas ao

militantismo ou a recusa dele. Em relação à escolarização é importante destacar que seus efeitos estão ligados diretamente à sua inserção e usos sociais, visando uma certa "politização", por meio da militância, a partir da articulação de diferentes esferas de atuação.

A presente dissertação tem a finalidade de levantar também essas questões, analisando os efeitos de "expansão" escolar relacionando-a com determinadas práticas políticas, ou seja, o militantismo ou sua recusa dentro do quadro das associações negras em questão. A partir do momento em que há um crescimento de determinada titulação escolar e vínculo com um determinado militantismo ou para a politização geral, isso pode criar ou transformar condições para uma maior eficácia desses mesmos usos. Isso ocorre porque os usos de escolarização e das formas de sociabilidade correlatas a serviço do militantismo podem ter efeitos no sentido de aumentar as chances de sucesso em uma carreira política, que por sua vez tende a aumentar as condições e a induzir ou, pelo menos, incentivar outros investimentos nesse militantismo por parte de outros portadores ou candidatos de titulação escolar elevada (CORADINI, 2001). Essa questão a respeito das relações entre escolarização e politização é pertinente para a análise das "lideranças negras" que atuam ou atuaram nos clubes sociais aqui pesquisados.

Além de se consistir em um importante recurso social a escolarização passa a ser uma possibilidade de uso instrumental para a "conquista" de cargos ou outras funções relacionadas à "causa defendida", neste caso, o movimento negro. A composição de titulação escolar tem uma infinidade de usos políticos. Esses títulos podem adquirir novos significados e usos quando utilizados e inseridos na militância, podendo resultar em configurações próprias, tanto para a carreira profissional quanto para a carreira de militante. É necessário levar em consideração as diferenças de esferas e fases dessas carreiras militantes, já que os recursos de legitimação necessários podem se diferenciar. Existem diferentes lógicas sociais e políticas que põem em confronto o "atual" quadro diretivo dos clubes com os "antigos" presidentes das entidades que atualmente ocupam cargos na direção, principalmente da Associação Floresta Aurora, como "conselheiros permanentes". Sabe-se, então, que existem lógicas políticas e sociais diferentes em uma mesma esfera, que entram em confronto no militantismo e na oposição a ele. Esse conflito geracional está ligado às diferentes concepções de política

e cultura que passam a vigorar nesse espaço, ou seja, nas constantes redefinições que os atores dão a essas concepções.

1.1 Construção do problema de pesquisa

As associações sociais negras no Brasil desempenharam um importante papel dentro da sociedade e principalmente para uma parcela da população negra. Na região sul não foi diferente, especialmente na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Essas associações sociais ou clubes sociais negros proliferaram durante as décadas de 20 e 30 do século XX, agrupando uma parcela da população negra que aspirava a uma ascensão social e ao *status* de classe média. As associações também foram importantes para a formação de lideranças negras que desempenharam um papel fundamental na discussão de um processo de construção de identidade racial no país. Essas formações de líderes e do processo de construção de identidade raciais constituem parte do processo de construção de um problema social. A constituição dessas associações negras, assim como o papel dos agentes envolvido com elas é de fundamental importância para a renovação da discussão em torno da situação da população negra no Brasil e também para a discussão dos processos de formulação de políticas públicas ou de ação afirmativa para a população negra.

As transformações objetivas na estruturas da sociedade estão ligadas ao surgimento de um problema social. São essas mudanças objetivas que levam o problema social em consideração, mas, além disso, é preciso levar-se em conta um conjunto de aspectos que estão relacionados à ação dos grupos. O problema social, então, pressupõe uma passagem por etapas que dizem respeito à legitimação e reconhecimento. Esse último está ligado à ação dos grupos sociais com interesse em definir um determinado problema que pode fazer parte da vida cotidiana do grupo. A partir daí, esse "problema individual ou particular" transforma-se em um problema de toda a sociedade. Podemos chamar esse processo de um trabalho constituído pelo grupo com a finalidade de tornar "públicas" situações que são problemáticas, requerendo, assim, a ação de grupos interessados. A legitimação preocupa-se com a inserção desse "problema social" nos debates e preocupações sociais atuais, ou seja, de tornar "visível" a "causa defendida", e também a problemática do grupo.

Quando se fala aqui de legitimação é interessante citar Berger e Luckmann (2003): a legitimação, segundo esses estudiosos, é definida enquanto um processo que trata de uma objetivação de sentido de 'segunda ordem'. A legitimação pode produzir novo significado que serve para integrar os significados já ligados a processos institucionais díspares. Desse modo, a legitimação pode tornar objetivamente acessível e subjetivamente plausível as objetivações de "primeira ordem" que foram institucionalizadas.

Segundo esses sociólogos, a 'integração' vem a ser também um propósito típico que motiva os legitimadores. A integração e a questão da plausibilidade referem-se a dois níveis: 1) a totalidade da ordem institucional deveria ter sentido simultaneamente para os participantes de diferentes processos institucionais. A questão da plausibilidade refere-se ao reconhecimento subjetivo de um sentido global 'por trás' dos motivos do indivíduo e de seus semelhantes, motivos predominantes no que diz respeito à situação, porém apenas parcialmente institucionalizados; 2) a totalidade da vida do indivíduo, a sucessiva passagem pelas várias ordens de uma ordem institucional, deve ser tornada subjetivamente significativa.

O problema da legitimação surge quando as objetivações da ordem institucional (agora histórica) têm de ser transmitidas a uma nova geração. Nesse ponto, o caráter evidente das instituições não pode mais ser mantido pela memória e pelos hábitos do indivíduo, rompe-se assim a unidade de história e biografia. Para restaurá-la, tornando assim inteligível ambos os aspectos dessa unidade, é preciso haver 'explicações' e justaposições dos elementos salientes da tradição institucional (BERGER e LUCKMANN, 2003, p. 128).

A legitimação implica em levar em conta além da questão de valores também o conhecimento. Podem-se distinguir, analiticamente, diferentes tipos de legitimação: o nível que interessa, particularmente para esse estudo, é o terceiro nível, segundo Berger e Luckmann:

O terceiro nível de legitimação contém teorias explícitas pelas quais um setor institucional é legitimado em termos de um corpo diferenciado de conhecimentos. Estas legitimações oferecem

quadros de referência bastante amplos para os respectivos setores de conduta institucionalizada. Devido à sua complexidade e diferenciação, são freqüentemente confiadas ao um pessoal especializado que as transmitem por meio de procedimentos de iniciação formalizados (BERGER e LUCKMANN, 2003, p. 130).

Sendo assim, a problematização deste estudo gira em torno das principais questões aqui levantadas, ou seja, os critérios de seleção de agentes que atuam nas duas associações sociais negras em Porto Alegre, as lógicas de engajamento dentro de um processo de militantismo em entidades do movimento negro e, junto a isso, todo um construto de "identidade étnica negra", processos de conversão de capitais e princípios de legitimação. São questões vinculadas às trajetórias dos agentes envolvidos no quadro diretivo de cada associação negra. Como principal hipótese está um conflito geracional advindo principalmente de diferentes trajetórias (*habitus*, capitais, identidades) de uma geração de presidentes, assessores, conselheiros que ainda atuam nas associações, chamada de "velha guarda", e de dirigentes de uma "nova geração", constituída em um novo contexto, no qual aspectos ligados à militância nos movimentos negros, à identidade étnica negra e às estratégias de organização e atuação nas associações, sejam os pontos principais do conflito.

1.2 Cultura e Identidade

As questões sobre identidade remetem à questão da cultura. É freqüente ver-se cultura em tudo, de encontrar identidades para todos, as crises culturais são vistas como crises de identidade. É importante não confundir as noções de cultura e de identidade cultural até porque existe uma grande ligação entre elas. O que chamamos de cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e modificar uma cultura. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas. Nas ciências sociais o conceito de identidade cultural se caracteriza por sua polissemia e fluidez.

Em um primeiro momento, a questão da identidade cultural remete à questão mais abrangente da identidade social. A identidade social de um indivíduo se caracteriza

pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social; essa identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente.

A identidade social não diz respeito somente aos indivíduos, pois os grupos são dotados de uma identidade que corresponde à sua definição social. A identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão; ela identifica e distingue um grupo de outros. Dessa forma, a identidade cultural aparece como ligada às distinções "nós/eles" baseada na diferença. São várias as abordagens teóricas sobre identidade cultural e algumas delas levam ao reducionismo extremo ou a um relativismo demasiado. Sendo assim, é interessante colocar aqui a concepção relacional e situacional para abordar essa questão.

Em um contexto relacional a explicação para a afirmação ou repressão de uma tal identidade, em dado momento, é viável. A construção de uma identidade se faz dentro de contextos sociais que determinam as posições das pessoas, orientando suas representações e escolhas. De acordo com Cuche (1999), a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com as quais está em contato (CUCHE, 1999, p. 182).

Esta concepção relacional está ligada à concepção de Barth, em que a identidade deve ser considerada a partir de construção e reconstrução constante no interior das trocas sociais. Essa concepção é dinâmica e se opõe às análises essencialistas que definem a identidade.

Segundo Fredrik Barth, em um processo de identificação o principal ponto é à vontade de marcar limites entre "eles" e "nós", estabelecendo e mantendo as chamadas "fronteiras". A fronteira que se estabelece é resultado do compromisso entre a fronteira que o grupo pretende marcar e a que os "outros" querem lhe designar; são fronteiras sociais e simbólicas podendo ter demarcações territoriais, porém o território não é o essencial. O que separa grupos etno-culturais não é somente a diferença cultural, pois uma coletividade pode funcionar admitindo uma certa pluralidade cultural. O surgimento da fronteira está associado à vontade de se diferenciar, e o uso de certos traços culturais é que marca uma identidade específica. Este tipo de análise permite fugir de confusões entre cultura e identidade, ou seja, participar de uma certa cultura particular não implica ter certa identidade particular.

Barth afirma que a etnicidade é o produto do processo de identificação, ela pode ser definida como organização social da diferença cultural. Isso significa que para explicar a etnicidade é importante estudar os mecanismos de interação que, utilizando a cultura de maneira estratégica e seletiva, mantêm ou questionam fronteiras. As fronteiras são concebidas como uma demarcação social que podem ser constantemente renovadas pelas trocas. Identidade cultural em si mesma não existe. Então, uma "análise científica" não pode ter a pretensão de achar a verdadeira definição das identidades particulares que ela estuda, isto é, não interessa aqui qual é "verdadeiramente" um ou outro grupo, mas sim o que significa recorrer à identificação deste ou daquele grupo.

Reconhecer nos grupos étnicos a capacidade de manter sua identidade de forma mutável vai ao encontro de algumas questões barthinianas citadas aqui. Segundo Hobsbawn, essas concepções estão ligadas à "invenção das tradições", então, uma identidade étnica, seja de certo modo criada ou inventada, não significa que seja inautêntica. A memória histórica sobre a qual um grupo baseia sua identidade presente pode alimentar-se de lembranças de um passado prestigioso ou ser apenas a da dominação e do sofrimento compartilhado.

A identidade é difícil de se delimitar e definir em razão de seu caráter multidimensional e dinâmico, o que lhe confere sua complexidade e flexibilidade. Esta dimensão flexível (mutável) da identidade está ligada a estratégias. O conceito de estratégia, aqui, não deve levar a pensar que as pessoas ou grupos são totalmente livres para definir "suas identidades" de acordo com interesses materiais e simbólicos do momento.

Segundo Stuart Hall, em sua análise sobre a questão da identidade atualmente, é importante avaliar a existência dessa crise e o seu rumo. Assim, a chamada pós-modernidade traz à tona um sujeito sem uma identidade fixa, essencial ou permanente.

A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente (HALL, 2003, p. 13).

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. "Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas". Isso significa que na medida que sistemas de significações e representação cultural se multiplicam, as pessoas são atingidas por este grande número de identidades possíveis, que são facilmente absorvidas pelos sujeitos, mesmo que por um espaço curto de tempo (Hall, 2003, p. 13).

As discussões que giram em torno da noção de etnicidade iniciaram-se na década de 1970 quando o termo etnicidade começa a ser mais usual nas ciências sociais (ou é retomado de forma mais significativa), sobretudo nas Américas.

Desde o princípio, o conceito de etnicidade foi considerado a partir de sua dimensão universal das relações humanas, incitando os pesquisadores a encararem a etnicidade em uma perspectiva mundial. No decorrer das discussões novas possibilidades foram sendo incorporadas aos conceitos de etnicidade, a partir de uma variedade de objetos empíricos que começavam a ser estudados.

O caráter dinâmico da etnicidade está ligado ao relacional e ao situacional. A etnicidade se define, então, como uma forma de organização ou um princípio de divisão do mundo social cuja importância pode variar de acordo com as épocas e as situações. As sociedades são caracterizadas pela diferença, pois nelas encontram-se diferentes divisões e antagonismos sociais que resultam em uma variedade de identidades de indivíduos.

Questões como identidade, cultura e etnicidade não podem ser pensadas de forma dicotomizadas ou polarizadas. É importante não tratar aqui "tradição" e "modernidade" como noções completamente separadas em pólos opostos. "Tradição" e "Modernidade" devem ser consideradas como as duas faces de uma mesma folha de papel. Pensar identidade aqui é trazer à tona vários elementos de um processo de identificação, em que o "tradicional" e o "moderno" são acionados pelos grupos, a partir de estratégias para inserção e relações sociais na sociedade, frente a diferentes grupos e indivíduos. A noção essencialista naturaliza e "des-historiciza" a diferença, confundindo o que é histórico e cultural com o que é natural e biológico; isso leva à

fixação desse significante fora da história, da mudança e de intervenções políticas. De acordo com Bhabha:

A representação de diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos *preestabelecidos*, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. [...] O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencarnar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição (BHABHA, 2003, p. 20).

A possibilidade de mobilização de um grupo, por meio de um discurso que remete a um processo de construção e emergência de certa "*identidade negra*", fica claro nas práticas dos sujeitos envolvidos com os clubes. Os eventos já "*consagrados*" que acontecem nas associações durante o ano todo como, por exemplo, o "Troféu Zumbi" na Associação Satélite Prontidão ou ainda a abertura de espaço para o desenvolvimento de elementos da "*cultura negra*", como a capoeira (grupo jovem do Floresta Aurora), são reelaborados no sentido de sensibilizar e mobilizar dentro de um espaço específico, grupos que se interessam em "*reavivar*" o que é "*característico do povo negro*".

Este tipo de mobilização remete a definições de lugares, estabelecimento de posições e identificação das vozes e do que é politicamente relevante para fortalecer o que interessa ao grupo. O que é interessante, nesse processo, é que a mobilização e a atenção são dirigidas a um grupo específico, ou pessoas "seletas". São profissionais liberais que se "destacam" em áreas diversas (pessoas que ganham o Troféu Zumbi em razão de seu trabalho, sua profissão e "destaque na sociedade"), e no mesmo patamar estão as pessoas que foram, ou são, membros do quadro diretivo das associações.

1.3 Questão racial e "construções" de identidades: uma discussão acadêmica.

Entre as décadas de 1930 e 1960, Gilberto Freyre e seus colaboradores publicaram vários livros e artigos desenvolvendo o tema de um “novo mundo nos trópicos”. Com essa visão o Brasil foi tomado como uma terra quase isenta de preconceito racial. Segundo Freyre, o país proporcionou um ambiente ideal para a “mistura racial” entre senhores europeus e escravas africanas, resultando em uma harmoniosa união da cultura com a natureza. Consciencioso da brutalidade e crueldade associada à escravidão, Freyre achava que o regime escravocrata havia exercido uma influência positiva sobre o desenvolvimento social e cultural brasileiro.

Assim, em um plano ideológico, a questão mais importante a ser respondida por esses intelectuais seria: “há discriminação racial no Brasil?”. Admiti-la seria negar uma democracia das relações raciais no país. Desse modo, Freyre sustentava a sua tese da “democracia racial”, desfazendo a esperança brasileira de branqueamento. A hibridez da sociedade brasileira, segundo Freyre e seus colaboradores, fora a responsável pela “ausência da discriminação racial e pela impropriedade de qualquer política de identidades étnico-raciais” (GUIMARÃES, 1999, p. 82). Thales de Azevedo, Donald Pierson, Charles Wagley e outros, repetiram, em seus estudos, a análise da sociedade patriarcal feita em *Casa-Grande & Senzala*.

A postura das organizações negras, das décadas de 1940 e 1950, colidia com o pensamento dos intelectuais brasileiros da época, ideologicamente e em sua interpretação sociológica.

Os intelectuais negros [...], recusavam no sincretismo o que para eles era a preservação de traços culturais retrógrados, acusando os intelectuais nordestinos e estrangeiros de culto ao exotismo e de transformação do negro em objeto (GUIMARÃES, 1999, pp. 86-87).

Apesar da opinião contrária, a postura anti-racialista de Freyre e outros intelectuais encontrava certa simpatia por parte do movimento negro. Isso acontecia quando essa postura colidia com a idéia de branqueamento bastante divulgada, principalmente por alguns intelectuais paulistas e cariocas, entre as décadas de 1940 e 1950.

No início da década de 1950, Florestan Fernandes começa suas pesquisas com questões ligadas às relações raciais no Brasil. Fernandes, um dos principais questionadores da tese de Freyre, foi um crítico vigoroso de vários aspectos da sociedade brasileira, mas particularmente de seu sistema de relações raciais. Florestan Fernandes e seus colaboradores produziram vários livros e artigos “atacando” o “mito da democracia racial”, revelando algumas desigualdades, bem como a discriminação racial no Brasil.

Com a finalidade de justificar, em termos teóricos, a existência de preconceito e discriminação raciais no país, Fernandes afirmou que o preconceito consistia numa reação das elites brancas frente às novas relações sociais advindas da ordem social competitiva. O preconceito no Brasil, então, provinha das elites temerosas em perder privilégios patrimoniais (GUIMARÃES, 1999). Fernandes argumentou sobre o resultado do "mito da democracia racial" dessa maneira:

[...] As condições da perpetuação parcial das antigas formas de dominação patrimonialistas estão na própria raiz do desequilíbrio que se criou (e se acentuou progressivamente), entre a ordem racial e a ordem social da sociedade de classes. A democracia surgiu tímida e debilitada em nosso meio. Como seu funcionamento e desenvolvimento normais dependem do poder relativo dos grupos sociais que concorrem entre si no cenário social, ideológica e utopicamente, ela forneceu, no início, um palco histórico exclusivo aos poucos grupos sociais que estavam organizados, possuíam técnicas apropriadas para exercer dominação e autoridade, e lutavam sem vacilações pelo monopólio do poder (se preciso, sob o manto dos 'ideais democráticos') (FERNANDES, 1965, p. 209).

A posição de Fernandes divergia em relação à interpretação histórica de Freyre. Os trabalhos de Fernandes começavam sempre com a investigação da estrutura social e racial da sociedade colonial, com a finalidade de demonstrar a função central do preconceito e discriminação raciais nesse período histórico. Fernandes refinou os seus argumentos sob a influência dos pontos de vista de Thales de Azevedo, Oracy Nogueira e outros, acatando seus achados empíricos e até parte de suas interpretações (GUIMARÃES, 1999).

As questões de classe, cor e *status* nos estudos das relações raciais no Brasil são de extrema importância. Segundo Guimarães (1999), a associação entre cor e posição social sempre foi fundamental e fez parte da maioria dos estudos de cientistas sociais. Estudos de Donald Pierson, Thales de Azevedo e Marvin Harris, durante as décadas de 1940, 1950 e 1960, foram essenciais para fundamentar as principais hipóteses clássicas sobre a relação cor e posição social no país. A primeira hipótese teoriza as discriminações raciais no Brasil como discriminações de classe, e a segunda, explica o sistema de relações raciais pela permanência de uma hierarquia estamental criada pela escravidão.

A partir da década de 1940 acontece um declínio das teorias racialistas no Brasil; elas não desaparecem, entretanto, no plano do discurso e da consciência há uma certa mudança. Os apelos a teorias raciais na definição de cor, como a teoria que explicava, pela reversão, a fixação de caracteres somáticos, fenotípicos e de caráter, dão lugar às idéias ligadas apenas às características fenotípicas dos grupos de cor, [...] sustentadas em uma ideologia da espontaneidade e obviedade de percepções cromáticas e físicas (GUIMARÃES, 1999, p. 99).

Desse modo, cor passa a ser tomada como categoria empírica, subjetiva e ambígua, por falta de uma regra precisa de descendência racial. Assim, Donald Pierson trabalhou a questão da cor em seus estudos, principalmente em suas pesquisas na Bahia na década de 1930. As observações de Harris também conseguiram mensurar, do mesmo modo como Pierson, a importância de características físicas na definição da cor. Mais tarde, o significado de cor foi ampliado à medida que a Antropologia Social se afastava dos pressupostos racialistas, encaminhando-se para os estudos de relações raciais. Segundo os estudos de Pierson, nas décadas de 1930 e 1940, e mais tarde os de Harris, a "raça" era definida por traços fenotípicos (a cor), e também por critérios sociais, como riqueza e educação.

Os estudos de Pierson afirmavam não haver no Brasil barreiras ao convívio e à mobilidade social entre indivíduos de várias origens étnicas. As barreiras existentes eram econômicas e culturais. Donald Pierson usou, em seu estudo na Bahia (Salvador), a categoria nativa de cor que substituíra o termo raça como evidência da ausência de grupos sociais que pudessem ser referidos como raciais.

No encalço da tese de Pierson dois caminhos foram seguidos nos estudos das relações raciais: o primeiro interessando mais à Antropologia Social e o segundo de interesse mais sociológico. Na Antropologia as questões ligadas às diferenças nas formas de classificação racial empregada em sociedades pluriétnicas destacaram-se. Azevedo e Wagley, em seus estudos, contribuíram para fixar a tese de que teria um processo de embranquecimento no Brasil, não em termos biológicos, mas em termos sociais. Haveria uma tendência dos negros e mulatos em ascensão social transformarem-se em socialmente brancos, já que cor significava mais que pigmentação. O caminho sociológico passou pelo conceito de classe trabalhado por Pierson e por Harris, no qual classe significava cor, posição social e econômica.

Nos anos 1950 e 1960, os estudos sociológicos e antropológicos deixaram contribuições importantes e alguns mal-entendidos foram posteriormente reinterpretados. Um dos mal-entendidos foi o da inexistência de raças na sociedade brasileira, e o outro foi a formação do consenso de que no país era a aparência física e não a origem que determinava a cor de alguém. Isso levou a crer-se que não se poderia discriminar alguém com base na sua raça ou na sua cor. Outra idéia mal-entendida foi que "mulatos" com um nível educacional elevado fossem sempre economicamente absorvidos, integrados cultural e socialmente.

Desenvolvendo algumas questões que estavam embrionárias nos trabalhos de Wagley, Harris e principalmente Azevedo, Florestan Fernandes, Costa Pinto e Bastide, a partir de 1952, começaram estudos em várias regiões do país⁶. A principal pergunta de pesquisa que esses intelectuais tentavam responder, em períodos diferentes, era: as discriminações continuariam em uma sociedade de classes, ou seja, no "Brasil do futuro?" (GUIMARÃES, 1999). Thales de Azevedo considerou os valores da democracia racial na sociedade brasileira de forma dialética, ou seja, em uma sociedade estamental esses valores eram ao mesmo tempo racionalizações conservadoras para os brancos e instrumento de ascensão social para negros e mulatos.

Como mostra Guimarães (1999),

⁶ Juntamente com Fernandes que desenvolveu os estudos sobre relações raciais em São Paulo estavam Octavio Ianni e Fernando H. Cardoso, desenvolvendo seus estudos na região sul do país.

Esta dialética racial, que faz persistir o passado estamental na sociedade moderna, aponta, justamente, para a necessidade de pensar a sociedade brasileira fora dos tipos ideais da *sociedade de classes* e da *sociedade de castas*, algo que foi tentado por Thales de Azevedo, ainda que de modo incompleto, em "*Classes sociais e grupos de prestígio*", e, mais extensamente, desvendado por Florestan Fernandes na "*Integração do negro na sociedade de classes*" (GUIMARÃES, 1999, p. 142).

Desse modo, os estudos sobre relações raciais na sociedade brasileira e o conceito de raça foram abolidos do discurso erudito e popular até a década de 1970. Porém as desigualdades e discriminações atribuídas à cor cresceram. Assim, o discurso identitário negro, a partir dos anos 1970, encaminhou-se para a reconstrução étnica e cultural. Segundo Guimarães (2002), essas identidades, somente na atualidade, estão bem assentadas no terreno político. Como diz o autor, retomar a categoria de raça pelos negros correspondeu retomar uma luta anti-racista em termos práticos e objetivos.

Atualmente, os estudos sobre relações raciais no país partem das posições analíticas de antropólogos e sociólogos de uma mesma geração. Uma pequena parte do trabalho de três estudiosos que se dedicam aos estudos das relações raciais no Brasil será apresentado a seguir, com a finalidade de trazer à tona parte da discussão que é desenvolvida na presente dissertação.

O sociólogo Antonio Sérgio A. Guimarães (2002) e os antropólogos Peter Fry (1999) e Ivonne Maggie (1996), em suas respectivas obras, procuram estabelecer um diálogo em torno das questões de classe, identidade, discriminação e raça. Segundo Guimarães, raça é "uma categoria política necessária para organizar a resistência ao racismo no Brasil e também categoria analítica indispensável: a única que revela que as discriminações e desigualdades que a noção brasileira de 'cor' enseja são efetivamente raciais e não apenas de classe". A afirmação acima parte de dois pressupostos: o primeiro é o da negação de raças biológicas e o segundo afirma que o termo 'raça' tem 'existência nominal efetiva e eficaz' no mundo social e somente nele pode ter realidade plena (GUIMARÃES, 2002). São nessas afirmações do autor que despertam as principais críticas ao seu trabalho, ou seja, o uso do termo raça como conceito analítico.

Para Ivonne Maggie, o termo "raça" é uma noção inadequada à realidade brasileira e, para Fry, a posição de Guimarães se afastaria de uma "tradição intelectual" nos estudos das relações raciais no país, estando assim contaminada por posições ideológicas do movimento negro e categorias nativas norte-americanas. Estudiosos como Maggie e Fry sustentam seus argumentos a partir de uma posição antropológica que parte da posição teórica de Evans-Pritchard, segundo o qual, não cabe ao cientista social criar categorias analíticas para sobrepor ao modo como os atores sociais constroem o seu mundo de significados.

A tradição sociológica de análise, segundo Guimarães, se contrapõe às posições de Maggie e Fry. Sendo assim, o sociólogo afirma que, na tradição sociológica, cabe justamente ao analista buscar o que há de comum a diversas sociedades humanas, para construir categorias analíticas gerais que possam ser utilizadas heurísticamente, não para subsumir as diferenças e as particularidades, mas, ao contrário, para permitir a compreensão das particularidades e das contingências históricas (GUIMARÃES, 2002).

Assim, a postura de Guimarães se aproxima à tradição sociológica de análise. Autores como Fry e Maggie, em seus respectivos estudos, vêem a 'democracia racial' como parte constituinte da formação social brasileira, como uma matriz cultural que está sempre sendo atualizada por políticas, discursos e crenças. De certa maneira podemos dizer que Guimarães também partilha dessa mesma posição. Porém Guimarães nos alerta de duas armadilhas sociológicas quando se pensa no País atualmente. A primeira é que se precisa deixar claro o conceito de classes no Brasil contemporâneo, pois esse conceito não é concebido como podendo referir-se a uma certa identidade social ou a um grupo relativamente estável, cujas fronteiras sejam marcadas por formas diversas de discriminação, baseada em atributos de cor. E a segunda armadilha diz respeito ao conceito de "raças", que é descartado como imprestável, não podendo ser analiticamente recuperado para pensar as normas que orientam a ação social concreta, ainda que as discriminações a que estejam sujeitos os negros sejam, de fato, orientadas por crenças raciais.

Desta maneira, algumas críticas são formuladas pelo autor à utilização do termo raça como conceito analítico. São críticas de estudiosos como Maggie e Fry, entre

outros⁷, que consideram o termo raça uma noção estranha à realidade social brasileira. Essas críticas foram reforçadas também pelos estudos de Paul Gilroy, intelectual negro envolvido politicamente no combate ao racismo, e que é contrário ao uso do termo “raça”.

1.4 Militância, carreiras e lógicas de engajamento

As questões que dizem respeito às lógicas de engajamento e carreiras militantes, aqui neste estudo, são de extrema importância para se analisar a estrutura das posições dos agentes em questão. Além de analisar como se organiza e como se apresentam os tipos de discursos e as condições estruturais do espaço social em que os agentes estão inseridos, é importante também considerar as diferentes trajetórias dos indivíduos que constroem um discurso, isso significa analisar as trajetórias dos agentes envolvidos com o quadro diretivo dos clubes e com a luta de uma definição legítima de identidade racial.

Analisar a construção das diferentes trajetórias sociais, políticas e profissionais, nos permite entender o recrutamento ou seleção dos indivíduos que atuam atualmente no quadro diretivo das associações e dos antigos dirigentes. Isso significa que a escolha de atuação – se mais ou menos engajado com o movimento negro – dentro das associações está relacionada a uma determinada trajetória. O trabalho com trajetórias significa também levar em consideração as posições que ocupam os agentes no espaço social, ou seja, a posição ocupada na estrutura de distribuição dos tipos de capital e suas posições sociais de origem.

As disposições e origens sociais estão associadas às propriedades internalizadas pelos agentes. Estamos aqui falando do *habitus*, que abrange maneiras comportamentais e até esquemas de percepção, podendo assim sinalizar que as escolhas e as tomadas de posição podem estar ligadas à posição ocupada pelo agente no espaço social e posição de origem. Isso significa que o indivíduo aqui é visto como tendo visões de mundo que dependem de relações objetivas, além das subjetivas, e assim, os aspectos estruturais contribuirão para a construção de algumas de suas percepções.

A orientação de interesses e estratégias prováveis, de um presidente, conselheiro ou assessor, dentro das associações, dependem das divisões que estruturam

⁷ Guimarães ainda cita Sérgio Costa, Werle e Mônica Grin.

o campo em que são tomadas as posições. As disposições e origem social são dependentes enquanto princípios explicativos, mas também podem se manifestar juntamente com o campo em que se encontram os agentes e o espaço oferecido pelo campo.

Para compreender o conflito geracional entre os agentes que fazem parte do quadro diretivo das associações negras Satélite Prontidão e Floresta Aurora é necessário relacionar as diferentes tomadas de decisão, de posição e de discurso, com a construção de trajetórias e com as lógicas de engajamento, e conseqüentemente, de retribuição no envolvimento entre as associações e outras entidades ligadas ao chamado “movimento negro”. As diferentes trajetórias sociais e profissionais dos presidentes, conselheiros e assessores dos clubes permitem entender o recrutamento desses agentes de diferentes gerações.

O engajamento (o envolvimento) que se estabelece com entidades do movimento negro e com as “questões étnicas” (com a “construção” de identidade étnica) possibilita adquirir e acumular vários recursos no decorrer da trajetória dos agentes em questão. Analisar os tipos de engajamento aqui significa verificar as diferentes tomadas de decisão e, principalmente, tomadas de posição; e como elas podem estar ligadas às diferentes posições políticas, já que existe um conflito entre “antigos e atuais” presidentes dos clubes.

As tomadas de posição estão relacionadas com a estrutura do campo em que esses agentes estão inseridos, também às trajetórias sociais, profissionais e as lógicas de engajamento no “movimento negro”. Desta maneira, a hipótese principal da dissertação permite trabalhar as relações acima.

2. HISTÓRICO DOS CLUBES SOCIAIS NEGROS EM PORTO ALEGRE – RS.

2.1. Vida associativa negra no Brasil: um breve histórico

As associações ou clubes sociais negros, em Porto Alegre, emergem como uma certa tomada de consciência de uma parcela da população negra que tinha como objetivo resolver problemas relativos a interesses materiais e, principalmente, aspirações de ascensão social. Em um primeiro momento esses clubes traziam preocupações imediatas como, por exemplo, o da inferioridade social do negro e as sistemáticas exclusões dos clubes sociais e sociedades de danças freqüentadas pela população branca. Caracterizadas como *associações de novo tipo*, por L. A. Costa Pinto (1998), essas associações eram movimentos associativos de uma chamada "elite negra".

As chamadas *associações tradicionais*⁸ exprimiam, além de uma diferença cronológica com as *de novo tipo*, um padrão tradicional das relações entre negros e brancos no país. Frente a situações históricas de um certo período no Brasil (período colonial), a vida associativa negra se adequava aos parâmetros tradicionais da sociedade brasileira. Dessa maneira, as associações de negros surgiam, principalmente, no campo religioso. As Irmandades religiosas se revelavam com desfiles, missas, festas, símbolos e dias santificados. Sob a égide da Igreja Católica (religião "oficial") os grupos negros que formavam as Irmandades satisfaziam suas necessidades formais de vida mística e associativa, fora do âmbito familiar (COSTA PINTO, 1998).

As irmandades religiosas eram regidas por um estatuto interno (Compromisso), o qual era aprovado pela Igreja e pelo Estado para que elas pudessem funcionar legalmente. Esse estatuto interno estava composto por uma série de artigos que definiam suas obrigações, o perfil de seus associados e os direitos e deveres destes. Para tanto, as irmandades religiosas dependiam de uma receita mínima de forma que pudessem cobrir as despesas com a manutenção de um capelão, da própria capela, da assistência funerária e da organização das festas devocionais, além de outras funções.

Esses indivíduos vivenciavam uma complexa cultura de relação com os seus entes falecidos, a qual lhes servia como um fator de aproximação, isto é, uma referência para a (re)construção de elos sociais sobre os quais algumas das faces de suas

⁸ Termo utilizado por Costa Pinto em sua obra "O negro no Rio de Janeiro". "Associações tradicionais" e "de novo tipo", termos que distinguem tipos de instituições negras (distinção cronológica).

identidades se sustentavam. Nesse sentido, os negros praticavam alguns rituais de culto aos mortos não compartilhados, de um modo geral, pelos cristãos.

Segundo Quintão (2002), os ideais das irmandades religiosas tinham caráter social e político que podem ser identificados em algumas definições de irmandades:

- 1) As confrarias eram associações religiosas onde se reuniam leigos do catolicismo tradicional. Os principais tipos de confrarias eram: as irmandades e ordens terceiras. As irmandades – de origem medieval – constituíram uma forma de sobrevivência na esfera das antigas corporações de artes e ofícios. As ordens terceiras eram associações vinculadas às tradicionais ordens religiosas medievais. O que caracterizava essas associações (confrarias) era a participação leiga no culto católico. Os leigos se responsabilizavam e promoviam a parte devocional, sem o "estímulo" dos clérigos.
- 2) As irmandades funcionavam como entidades de classe, inicialmente congregando pessoas da mesma cor e terminavam servindo de instrumento de ação social.
- 3) A origem das irmandades religiosas é do período medieval e surgiu a partir do modelo das corporações de ofício, atendendo aos interesses profissionais de seus associados, porém tinham também como objetivo a assistência mútua entre seus membros.

Os brancos eram aceitos nas irmandades dos pretos, mas as irmandades de pretos tomavam algumas medidas para estabelecer os limites da sua atuação. Os brancos não tinham direito ao voto, nem de participação nas determinações da irmandade, como também não podiam ser eleitos para o cargo de presidência. Porém era costume reservarem a função de escrivão e tesoureiro para os brancos, fundamentado na pobreza e no analfabetismo da população negra. De acordo com Quintão a presença dos brancos nas confrarias dos pretos e pardos era motivada pela necessidade de suprir carências de ordem legal, como a escrituração dos livros, e principalmente de ordem econômica (QUINTÃO, 2002).

As festas e procissões, ocasiões em que as irmandades saíam às ruas, tinham importância fundamental, pois era o momento em que a irmandade era reconhecida como parte de um corpo social. A disposição de uma procissão sempre reproduzia a ordenação hierárquica e social das pessoas envolvidas no evento.

Independente das irmandades religiosas que foram importantes organizações negras criadas no período colonial no Brasil, os clubes sociais negros, que emergem no período de 1900 a 1920, trazem consigo novas formas organizacionais. Essas novas organizações passam a ter preocupações diversas, que variavam dependendo das aspirações sociais dos grupos envolvidos. Muitas dessas agremiações eram informais e tinham a finalidade de promover festas, encontros e danças. Desse modo, os clubes nascem em muitas ocasiões relacionado à chamada folia de carnaval, originando inúmeros blocos de carnaval. Os clubes negros Floresta Aurora e Satélite Prontidão, assim como outros clubes negros que hoje não estão mais em atividade, têm em suas trajetórias a comemoração do carnaval. A música e a dança eram atividades de lazer muito valorizadas pelos negros que freqüentavam os clubes, assim como as que envolviam esportes. As preocupações com serviços prestados à "comunidade" também faziam parte das atividades dos clubes. Os clubes sociais também se preocupavam, principalmente, com o *status* e o desejo da ascensão social.

As *associações tradicionais* especificamente recreativas e tradicionalmente ligadas ao negro eram as associações de dança (blocos carnavalescos, escolas de samba e outros ligados à folia carnavalesca), as quais deram origem às associações fundadas por uma "elite negra". As danças públicas dos negros, que aconteciam em terreiros ou na rua, distinguiam-se das manifestações mais conservadoras das irmandades religiosas. As danças também faziam parte de manifestações religiosas, mas eram "comedidas" e "permitidas" dentro de um ritual religioso. Porém as danças africanas criaram uma certa tensão entre as irmandades e a hierarquia católica. Desse modo, depois da abolição da escravatura os negros criaram organizações independentes da Igreja, que permitiam prosseguir com suas danças e encontros. Eram associações que se diferenciavam em seu caráter e organização. A origem de classe e principalmente as aspirações dos membros dessas associações ditavam o caráter de cada uma delas, dando origem, assim, aos grupos de carnaval e mais tarde às escolas de samba. Como mostra Andrews, algumas

eram agregações informais de negros pobres da classe operária que se reuniam regularmente para tocar música, dançar e conversar [...] (ANDREWS, 1998: p. 219).

Costa Pinto cita três formas institucionalizadas de recreação popular que deram origem às escolas de samba: o samba de roda da Bahia, os ternos e ranchos de Reis e as modinhas urbanas do final do século XIX, nas quais predominavam as formas "profanas" tanto na dança quanto na música (COSTA PINTO, 1998).

As associações beneficentes e culturais negras estão muito ligadas à chamada folia carnavalesca, e os componentes desses clubes criaram alguns dos mais importantes e destacados blocos carnavalescos da cidade⁹. Os blocos carnavalescos das associações se diferenciavam dos blocos chamados populares, mas ao mesmo tempo tinham uma grande proximidade com os agrupamentos populares, já que pertenciam ao mesmo território. A necessidade de se diferenciar estava calcada na definição das associações como "grupo de elite". A indumentária dos blocos carnavalescos era luxuosa, tanto nos salões de festas como nos corsos (desfiles de rua), e esse era um ponto importante que diferenciava os blocos das associações dos agrupamentos populares. Outro ponto interessante diz respeito à "disciplina" dos blocos e cordões, estendendo-se também aos agrupamentos mais populares. Mostrar-se bem organizado, disciplinado e ordenado era o objetivo dos blocos. Valores como ordem, organização e disciplina tinham papel fundamental para os componentes desses agrupamentos que queriam ser vistos dessa maneira pela população em geral. As sociedades tinham seus próprios blocos, mas cediam algumas vezes suas sedes para bailes organizados pelos agrupamentos populares que não tinham sede própria.

Independente dos festejos de carnaval, as associações negras Satélite Prontidão e Floresta Aurora realizavam atividades durante todo o ano. Entre as décadas de 1930 e 40, a Sociedade Satélite Prontidão tinha sua sede localizada na Rua Gal. Lima e Silva, bairro Cidade Baixa, na capital gaúcha. Mesmo passando por dificuldades financeiras, a Sociedade Satélite Prontidão mantinha à disposição dos associados, e da comunidade que necessitasse, alguns serviços como cursos gratuitos de ensino primário ministrados por componentes do "Departamento Intelectual" do clube e ainda havia um gabinete

⁹ Ver mais sobre carnaval em Porto Alegre entre as décadas de 1930 e 1940 em: GERMANO, Íris. Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40. Dissertação de mestrado – UFRGS, 1999.

dentário onde os associados eram atendidos. Além disso, a Sociedade Satélite Prontidão tinha como filiada a "Sociedade Vanguardista Prontista", ou seja, entidade feminina ou departamento feminino responsável pelas atividades desenvolvidas para as associadas. O mesmo acontecia com a Sociedade Floresta Aurora, igualmente localizada na Cidade Baixa, que tinha também o departamento desportivo, intelectual e feminino à disposição de seus associados, realizando várias atividades como bailes, aniversários, "chás para senhoras", além de cursos e assistência médica. A seguir, um histórico mais detalhado das associações Satélite Prontidão e Floresta Aurora.

2.2 Associação Satélite Prontidão

A Associação Satélite foi fundada em Porto Alegre no ano de 1902, Sociedade criada por negros com grande dificuldade para adquirir sede própria, sobreviveu durante duas décadas. No carnaval de 1925 quatro rapazes envolvidos com a folia carnavalesca formaram um grupo chamado Sociedade Carnavalesca Prontidão. Com a fusão desses dois grupos surgiu a Associação Satélite Prontidão, oficialmente com a aquisição de sede própria no bairro Cidade Baixa no ano de 1956. Com isso os membros da Associação Satélite Prontidão optaram por adotar a data mais antiga de fundação, isto é, a data de fundação da Associação Satélite em 1902. A formação do grupo carnavalesco Prontidão é rica em detalhes, sendo assim, ilustramos aqui com trechos de entrevistas realizadas com antigos sócios da associação.

[...] Foram quatro rapazes, um se chamava Ademar Martins, José de Oliveira Lomando, Ederbal Braz e Antônio Herminio de Oliveira. Então, naquele tempo o carnaval era na João Alfredo e ali na Ilhota, que hoje já não existe mais. E esses rapazes andavam no carnaval, os quatro rapazes trajavam calças pretas e uns casaquinhos floreados. Eles andavam pelo carnaval e tinha baile no Ariopa, era Ariopa o nome do salão. Tinha baile no salão e era do Satélite. E os rapazes apareceram no baile com apenas 400 réis no bolso, só aquele dinheiro e não tinha como os quatro participarem do baile só com 400 réis, não dava para pagar. Aí eles saíram os quatro em fila, endereçaram para o salão. Quando chegaram no salão, eles pensaram: como é que nós vamos fazer para entrar? "Vamos formar um grupo". Naquele tempo, quando não se tinha dinheiro, o chavão era: Tô pronto. Hoje a gente diz: tô liso, tô duro! Naquele tempo era: tô

pronto! Eles botaram a mão um no ombro do outro e foram: "Pronto, Prontidão, estamos numa Prontidão!". Eu sei que eles fizeram uma confusão e quando chegaram lá na porta do baile eles entraram e não pagaram nada, não gastaram nem os 400 réis, entraram lá como Prontidão! Quando eles saíram de lá resolveram: "Vamos fundar um grupo?" Foram na João Alfredo na casa de uma senhora, hoje já é falecida, a dona Cecília, e disseram: "Nós vamos fundar um bloquinho, vamos formar um grupinho". E formaram um grupo e esses são os fundadores. Pra mim esses são os fundadores do Prontidão, foi quem criou a idéia, quem deu nome [...]”¹⁰ [grifos da autora].

As pessoas citadas acima são figuras importantes na história da formação do clube. Na maioria das entrevistas com a geração mais antiga da associação essas pessoas são referidas como os "verdadeiros" fundadores da Associação Satélite Prontidão. Sendo o carnaval uma festa importante para a comunidade negra de Porto Alegre, podemos constatar que a fundação desse clube está intimamente atrelada ao carnaval da cidade. Esse trecho de entrevista nos traz elementos interessantes que fazem parte do surgimento e desenvolvimento do clube.

As primeiras festas realizadas depois do carnaval, foram organizadas por esse grupo formado pelos quatro rapazes que a entrevistada citou acima. A partir desses acontecimentos nasceu o Grupo Carnavalesco Prontidão, que passou a ser o nome da sociedade, de 1925 até meados da década de 1950. Estando com um grupo de diretores já formado, passaram a organizar bailes na Cidade Baixa e na Colônia Africana. O grupo utilizava (alugava) salões de festas, um em especial que estava localizado na Rua Casemiro de Abreu, esquina com a Rua Miguel Tostes. No início, os bailes não fizeram muito sucesso, pois não havia divulgação suficiente. Percebendo isso, os presidentes (organizadores) elaboraram convites para as famílias negras conhecidas, essas famílias foram se envolvendo com os ideais do grupo. Então, o que era um grupo, transformou-se em Sociedade, com atividades o ano todo e não só no período de carnaval. As décadas de 1940 e 1950 foram os "anos dourados" do clube, segundo antigos membros da associação. Os bailes e festas eram suntuosos; os bailes de debutantes bastante concorridos, bem como outras atividades. Abaixo transcrevemos um trecho de

¹⁰ Entrevista realizada no ano de 1996 por Maria Emilia (bolsista de aperfeiçoamento do projeto de pesquisa "Negros em Porto Alegre: Memória e Trajetória", coordenado pela Profa. Dra. Daysi M. Barcellos). Ex-conselheira do Departamento Feminino (cultural) da Associação Satélite Prontidão.

entrevista em que a informante relata um importante baile realizado no teatro São Pedro, na capital, organizado pela Associação Satélite Prontidão.

*[...] O Satélite chegou a dar baile no São Pedro! Aquelas grandes sociedades que hoje não tem mais davam baile no São Pedro. Desmanchavam o teatro para dar baile, fazer baile, vinha orquestra. O Satélite foi um dos que deu baile, porque o Satélite era a "nata do preto". Naquele tempo era só gente bem. Mas aqueles que eram bem, mesmo, de vida, de educação, de tudo então eram esses que formavam o Satélite. Não existe mais ninguém, já morreram todos, gente muito antiga, pode ser que tenha algum filho, neto, alguma coisa, mas dos cabeças mesmo, não existe mais ninguém [...]*¹¹ [grifos da autora].

A história da fundação da Sociedade Prontidão nos traz elementos que estão ligados à situação social e econômica do grupo – de uma parcela grande da população negra –; em contrapartida, essas pessoas aspiravam a uma ascensão social que estava refletida nas atividades, de modo geral, realizadas pelas associações. Dessa maneira, a referência ao "luxo" das roupas e ao *glamour* das festas tentava acompanhar as representações e práticas das associações freqüentadas pela chamada "elite branca" na época. Essa parcela da população negra que aspirava ao *status* de "elite negra" procurava diferenciar-se e demarcar essas fronteiras sociais através dessas práticas e representações.

Até a metade da década de 1970, a Associação Satélite Prontidão tinha sede no bairro Cidade Baixa, porém os grandes bailes não aconteciam mais; já no final da década de 1960 os bailes eram pouco realizados. As atividades se restringiam a aniversários, chás para senhoras e aos bailes de carnaval uma vez por ano. Já nas décadas de 1960 e 1970, segundo relatos dos entrevistados, a associação já encontrava dificuldade financeira para manter a sede localizada no bairro Cidade Baixa. No final década de 1970 ocorreu a mudança do clube para a Zona Sul da capital, mais especificamente, para a Av. Aparício Borges, locais em que estão até hoje.

¹¹ Entrevista realizada no ano de 1996 por Maria Emilia (bolsista de aperfeiçoamento do projeto de pesquisa "Negros em Porto Alegre: Memória e Trajetória", coordenado pela Profa. Dra. Daysi M. Barcellos). Ex-presidente e ex-tesoureiro da Associação Satélite Prontidão durante as décadas de 40, 50 e 60.

2.3 Associação Beneficente e Cultural Floresta Aurora

A Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora, a mais antiga associação negra da cidade, foi fundada em dezembro de 1872. A data de fundação do clube traz consigo algumas controvérsias, alguns entrevistados afirmam que o ano de fundação foi o de 1870. Oficialmente, a data comemorada pelo clube é a de dezembro de 1872. Essa associação estava situada em uma área que corresponde atualmente ao bairro Centro de Porto Alegre, mais especificamente entre as Ruas Floresta (atual Av. Cristóvão Colombo) e Aurora (atual Rua Barros Cassal); segundo relatos de membros da associação esse encontro de ruas teria dado origem ao seu nome. Durante entrevistas com alguns ex-presidentes da associação foi possível registrar algumas versões diferentes sobre a origem do nome do clube, assim como da data de fundação, como já citado acima.

No decorrer dos anos, a Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora aumentou seu quadro social adquirindo sede própria, sendo a primeira delas na Rua Concórdia (atual rua José do Patrocínio), após, passou pela Rua Lima e Silva (bairro Cidade Baixa), pela Rua Curupaiti (bairro Cristal) e atualmente está localizada no bairro Pedra Redonda, Av. Coronel Marcos, na zona sul da capital.

Desde sua fundação, a Sociedade Floresta Aurora é considerada um dos pontos de referência “social e cultural” da população negra na capital gaúcha. A Sociedade Floresta Aurora teria surgido com caráter beneficente, para auxiliar famílias negras em caso de óbito, custeando o funeral e prestando assistência a essas famílias, segundo registro histórico da própria entidade. Os membros do quadro diretivo do clube criaram o seguinte slogan de apresentação da associação:

*Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora. Fundada em 31 de dezembro de 1872 – Porto Alegre – RS – Brasil – Mais antiga que a própria liberdade de seu povo!*¹²
[grifo da autora].

O fato de ser a associação negra mais antiga da cidade em atividade, tornou-se de grande relevância para dar ênfase às questões ligadas à "*causa negra*", à "*liberdade*" e à "*luta pelos direitos do povo negro*". Da mesma forma que a

¹² Slogan retirado de folder de eventos e apresentação e, ainda, do site da associação, o endereço é: www.florestaaurora.com.br

Associação Satélite Prontidão, a Floresta Aurora tem um envolvimento grande com a história do carnaval da cidade. Considerado um clube de "elite", o Floresta Aurora se esforçava para organizar os "melhores" bailes, de carnaval, de debutantes, temáticos e outros. O relato de sócios de outros clubes (décadas de 1950 e 1960), em relação aos bailes organizados pelo Floresta Aurora, ilustram a maneira como o clube era visto.

*[...] Eu e o meu marido, na época éramos noivos, freqüentávamos sempre o Prontidão... Eu sempre fui prontista. Mas nós também íamos a bailes nos Democratas e no Marcílio Dias, eram bailes de carnaval, bailes do perfume... O Floresta, o pessoal de baixa renda da Barão, da Baronesa, não freqüentavam, eu lembro. Eram só as "negras finas", sabe, aquelas roupas bem alinhadas, tecidos finos, chapéus e a gente não tinha condições, a minha família não tinha pelo menos, não faltava nada em casa, mas condições para fazer vestidos e comprar chapéus não dava. Eu fui só uma vez em um baile no Floresta, era o baile de debutante de uma conhecida, uma amiga, aí eu fui com o vestido dos meus 15 anos, eu já tinha uns 16 para 17 anos, foi muito bonito [...]*¹³ [grifos da autora].

Os indivíduos que freqüentavam a Sociedade Floresta Aurora e eram considerados da "elite" procuravam estabelecer certas fronteiras com o chamado "povo", ou seja, a maioria da população negra. Na realidade esses indivíduos não faziam parte de uma classe média, não constituíam uma "elite", mas aspiravam ao *status* de uma classe média. Esses grupos eram moradores de uma mesma região da cidade, onde se estabeleceu grande parte da população negra de Porto Alegre. Os indivíduos que atuavam na direção dos clubes eram principalmente funcionários públicos, de baixo escalão, portanto, não trabalhavam na informalidade como muitos negros, e esse também era um diferencial que os transformava em uma certa "elite negra".

[...] Sempre fui do Floresta, sempre, sempre, não costumava ir aos bailes do Prontidão ou do Democratas, não era da minha "linha", sabe, quer dizer, fui criado pelo meu tio-avô que foi um dos primeiros médicos negros da cidade, era pneumologista, minha tia-avó, que já era o segundo casamento do "velho", era francesa... Era outro nível, sempre estudei em boas escolas, essas coisas... E no

¹³ Entrevista realizada em 16/06/2003, com sócia da Associação Satélite Prontidão desde 1953.

*Floresta era assim, a maioria do pessoal que freqüentava era mais elite, tinha mais condições [...]*¹⁴.

A Sociedade Floresta Aurora foi muitas vezes citada, pelos seus antigos sócios e membros do seu quadro diretivo, como um "clube de elite". Os blocos carnavalescos, criados pela associação durante as décadas de 1930 até 1960, são alvos de recordação da chamada "velha guarda" da Floresta. Como já foi dito, os festejos carnavalescos tiveram fundamental importância para a consolidação dos clubes negros. Entre os anos de 1930 e 1950, os desfiles das sociedades negras eram esperados com muito entusiasmo pelas ruas de suas vizinhanças, tornando-se uma prática tradicional incorporada pelo clube e pela folia carnavalesca da cidade. A Sociedade Floresta Aurora apresentava um dos cursos mais esperados e "luxuosos". O curso saía da sua sede e desfilava pelas ruas previamente determinadas, no caso da Sociedade Floresta, no próprio bairro em que estava localizada. Desfilavam a rainha da sociedade e sua corte, assim como os filiados da sociedade. Após o desfile voltavam para sua sede, dando início aos famosos bailes de carnaval.

O final da década de 1970 trouxe ao clube algumas mudanças no que diz respeito às atividades realizadas pela associação. Os grandes bailes organizados pela "velha guarda" do clube não eram mais realizados. As festas que aconteciam nesse momento estavam ligadas às chamadas "*soul music*" ou "*black music*". A partir daí, um público jovem que não costumava participar das atividades do clube passou a utilizar mais o espaço da associação. Essas atividades trouxeram consigo uma discussão entre os antigos e os "jovens" membros do clube. Uma polêmica que estava ligada à oposição entre o tradicional e o moderno, ou seja, a ênfase no carnaval, no samba, nos grandes bailes, foi posto de lado pelos "jovens". Já durante a década de 1970, começaram algumas mudanças na diretoria e, conseqüentemente, na condução da associação, dando início a uma aproximação e envolvimento maiores com as entidades do movimento negro em Porto Alegre e com outros estados do país.

Os anos 1980 trouxeram algumas transformações para as duas agremiações no que diz respeito às atividades organizadas. A mudança do quadro diretivo dos clubes começou a enfatizar mais as atividades como palestras e seminários sobre a

¹⁴ Entrevista realizada em 23/09/2003, com ex-conselheiro do Floresta Aurora (foi conselheiro na década de 1950).

inserção do negro na sociedade, racismo, desigualdades social e econômica, ou seja, uma discussão sobre vários problemas enfrentados pela população negra. Esse processo emerge junto com os movimentos sociais urbanos no Brasil no final da década de 1970 e início da de 1980. A inserção de entidades do movimento negro dentro dos clubes, por meio de um novo quadro diretivo, trouxe questões ligadas à chamada "causa negra" para as associações. Isso fez com que novos tipos de práticas políticas fossem adotados pelos dirigentes dos clubes, mudando o perfil dos membros do quadro diretivo das associações e, conseqüentemente, a atuação nos clubes. No próximo capítulo estaremos discutindo e analisando o quadro diretivo de cada associação e as formas de atuação, bem como o grau de envolvimento dos agentes em questão com entidades do movimento negro e com a política local.

3. QUADRO DIRETIVO DAS ASSOCIAÇÕES NEGRAS SATÉLITE PRONTIDÃO E FLORESTA AURORA

3.1 Novos e antigos discursos, formas de atuação e condução dos clubes.

A escolha de membros e organização do quadro diretivo de cada associação negra sempre teve fundamental importância para o andamento das mesmas. Todas as atividades que acontecem nos clubes passam por uma "avaliação" de seus dirigentes, que encaminham a realização de eventos de acordo com as propostas desenvolvidas pelas entidades. O quadro diretivo de cada entidade apresenta uma organização hierárquica bem definida. São presidentes, vice-presidentes e diretores seguidos de secretários, tesoureiros, conselheiros e assessores que se estabelecem em cada assessoria ou departamento criados pelas entidades.

A associação Satélite Prontidão possui um quadro menor, do que a Associação Floresta Aurora, mas não menos hierarquizado e organizado. Com atividades bem definidas, o quadro diretivo de cada associação exige dos ocupantes dos cargos dedicação especial. Os agentes envolvidos com as associações carregam a responsabilidade de representar o clube em vários setores da sociedade. A atuação desses agentes está sempre ligada ao sucesso, ou ao fracasso dos fatos que acontecem com as associações; a responsabilidade recai, na maioria dos casos, sobre a presidência. Em entrevistas com sócios e membros do quadro diretivo das associações percebemos o quanto a responsabilidade de um cargo de presidente, diretor, assessor ou conselheiro "pesa" quando se fala em momentos de crise, ou de sucesso, de cada associação. Abaixo, há trechos de entrevistas com um sócio e um ex-dirigente da associação Satélite Prontidão, relatando a respeito do trabalho de alguns presidentes durante as décadas de 1960 e 1970.

*[...] Eu lembro que me mudei da Cidade Baixa, mas continuei participando ativamente dos Prontidão, eu não era da direção mas ia até nas reuniões que aconteciam, porque meu marido foi conselheiro... Mas, lembro que tiveram alguns anos de crise brava lá, foi ruim mesmo. Mas o que acontecia? O presidente da época... Era 60 e poucos, bom, mas o presidente reembolsava muito dinheiro do clube, era uma barbaridade e o clube foi caindo, sabe, caindo, caindo, até ficar, praticamente, sem sede, foi uma crise grande ocasionada pelos diretores, quer dizer, a má administração mesmo, porque **um clube que quer ser***

*forte e grande tem que ser conduzido por gente forte, que pense para frente. Mas muitas pessoas que fizeram parte da presidência do clube também tiraram dinheiro[...]*¹⁵[Grifos da autora].

A participação nas reuniões de direção dos clubes trazia uma certa responsabilidade mesmo para os indivíduos que não faziam parte, formalmente, do quadro diretivo. A estrutura do quadro diretivo se estendia também às figuras que tinham uma relação próxima de agentes envolvidos formalmente na direção, como cita a entrevistada acima, sócia e esposa de um conselheiro do Satélite Prontidão na década de 1960. A idéia de boa condução e atuação no clube estava relacionada à imagem de um "líder forte e grande", uma pessoa bem relacionada, com o poder de transformar o clube em uma entidade tão "grande e forte" quanto o seu condutor, e é essa liderança que motiva todos os outros agentes envolvidos na direção do clube, como podemos analisar no trecho de entrevista abaixo.

*[...] É, tivemos problemas com más conduções do clube... É, infelizmente a gente não pode adivinhar, a gente acredita na boa índole de uma pessoa, mas nem sempre dá certo. Às vezes, é uma laranja podre que contamina todas as outras, mas como diz o ditado: "isso acontece nas melhores famílias". Nós conseguimos contornar, como tu vê, a associação sempre foi um marco importante para a população negra da cidade e continua sendo. Hoje, eu acredito que com mais força, o Satélite tem mais força e mais apoio político, apoio do movimento, enfim, de outras instituições que estão vendo agora a importância do Satélite e do Floresta e isso está muito ligado ao tipo de condução dada pelos presidentes dos clubes[...]*¹⁶.

A concepção de política está ligada ao envolvimento com o movimento negro e as questões importantes para a causa defendida; o chamado *apoio político* é considerado sinônimo de *apoio do movimento* e está diretamente ligado às novas relações, formas políticas e condução dos clubes. O papel dos agentes que se envolvem na diretoria das associações, atualmente, não se restringe a representar o seu clube. Mais do que isso, esses indivíduos têm como "dever" entrar em contato com outras instituições para que se estabeleçam laços de "apoio" para as associações.

¹⁵ Entrevista realizada em 26/11/2003, com uma sócia da Associação Satélite Prontidão desde 1944.

¹⁶ Entrevista realizada pela autora em 17/05/2004, com o conselheiro da Associação Satélite Prontidão.

Por intermédio de contatos políticos ou do próprio movimento negro, as associações desenvolvem um trabalho de divulgação do clube para um público maior.

Atualmente, a diretoria das associações preocupa-se em participar de forma mais ativa nas discussões que dizem respeito a políticas públicas voltadas para a população negra no país, como cotas para negros na universidade, áreas remanescentes de quilombos e outros assuntos. Segundo esses agentes, a preocupação com problemas atuais enfrentados pela população negra deve ser debatido também pelas associações. Essas "novas" atividades que preocupam as associações vão além das atividades tradicionais dos clubes. Porém, os clubes ainda são vistos por alguns membros do movimento negro, como entidades mais voltadas para as "tradições" e, de certa maneira, mais culturalistas. Em entrevistas com sócios dos clubes e militantes do movimento pode-se constatar essa idéia. Cito aqui trecho de entrevista em que um militante do movimento negro expressa sua opinião em relação às atividades dos clubes.

*[...] A relação que existe entre os clubes e o movimento é a seguinte.... Vou te explicar, assim, as duas entidades são voltadas para os negros, mas o movimento está aqui, quer dizer, está em um ponto e os clubes em outro, entende? Assim, os clubes são bem tradicionais e fazem questão de trazer essa bagagem, quer dizer, muitas atividades que o movimento já tentou fazer no Floresta ou no Satélite não aconteceram. E por que? Porque os presidentes ainda são muito ligados às tradições, sabe, isso não é nenhuma crítica ruim, mas muitas vezes essas atitudes impedem o clube de crescer, eu acho, e tenho certeza que muitas pessoas que militam no movimento pensam assim [...]*¹⁷.

O quadro diretivo de cada associação atualmente acredita na união de idéias, ou seja, sabe-se que a inserção de entidades do movimento negro com os clubes pode trazer benefícios políticos, por exemplo, isto significa relações com outras instituições importantes da sociedade. É importante que o trabalho desenvolvido pelas associações tenha uma repercussão maior atingindo vários setores da sociedade. Porém essas idéias em torno das atividades dos clubes partem do quadro atual das associações. O

¹⁷ Entrevista realizada em 02/08/2004, com sócio do Floresta Aurora e militante do movimento negro desde 1980.

fato importante aqui está na transformação nas formas de relações estabelecidas pela geração antiga e pela nova geração que conduz os clubes.

Dentro de uma realidade social estabelecida na sociedade brasileira, essas chamadas "elites negras" que atuam principalmente nos clubes, estabelecem formas de relações políticas em um espaço à margem, ou seja, se em um primeiro momento as relações eram mais culturalistas, pessoais e clientelistas, em que os presidentes, assessores e conselheiros mantinham uma aproximação maior com certos políticos e figuras de "destaque" na sociedade, em um segundo momento as relações transformam-se e o novo quadro diretivo das associações opta por manter relações com entidades do movimento negro, agências de fomento a entidades que lutam pela "causa negra" e ONGs, a partir de um certo engajamento dos novos diretores. Nota-se então que as formas e práticas políticas que se estabelecem sofrem alterações, as fontes de "apoio" não são mais as mesmas, não se apóiam em um personalismo político, mas sim em uma rede de entidades do movimento negro. Carregam consigo um discurso que se apóia na "causa negra", na legitimação de uma identidade étnica negra, enfim, nas questões que norteiam o movimento.

O "apoio" que atualmente o quadro diretivo busca para os clubes se concretiza a partir das atividades realizadas pelas entidades. Como exemplo, citam-se as atividades que acontecem durante a semana da consciência negra, realizadas todo ano no mês de novembro; existe uma temática e em cima disso é elaborada uma programação organizada por entidades ligadas ao movimento negro. Assim, os clubes passam a fazer parte também dessa organização, juntamente com o Movimento Negro Unificado (MNU), Associação Cultural de Mulheres Negras (ACMUN), Instituto Maria Mulher e outras entidades, obtendo financiamento do governo federal (atualmente da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial) e da própria prefeitura de Porto Alegre, além de uma visibilidade maior, principalmente na mídia impressa (jornais que circulam no Estado). São atividades prestigiadas também pela velha guarda¹⁸, porém são criticadas como eventos *muito políticos* que interferem na imagem de um clube social, de uma *associação cultural e beneficente de tradição*.

¹⁸ Grupo de antigos sócios que das associações negras que atuaram ou ainda atuam na direção dos clubes.

[...] Participo de todas essas festas... Essas do movimento, da semana da consciência negra, sabe, mas são eventos muito políticos, com os partidos mesmo, PT, PDT, PMDB. O pessoal da velha guarda discute essas questões e a gente acha que para uma associação tão tradicional, quer dizer, uma associação cultural e beneficente, como diz o nome da associação é preciso manter as atividades mais tradicionais (Atual conselheiro e ex-diretor do Floresta Aurora)¹⁹.

Quando se fala das atividades mais importantes dos clubes com uma geração anterior de presidentes, assessores e conselheiros, pode se constatar que as idéias são um pouco diferentes. A questão da "tradição" dos clubes vem à tona nos relatos da "velha guarda", assim são chamados muitos conselheiros que ainda atuam no quadro diretivo das associações. A tradição ainda é importante para os dois grupos, porém o peso dado a ela, para um e outro grupo, é que difere. Identificar e delimitar o que é a associação e o que é o movimento negro torna-se importante para a "velha guarda" dos clubes. Dessa forma, o trecho de entrevista realizada com um sócio, fundador de blocos carnavalescos da Associação Floresta Aurora e ex-dirigente, ilustra a importância de deixar bem demarcadas as fronteiras que separam as entidades do movimento negro, e as associações.

[...] Vou às reuniões do Cecune, Associação das Mulheres Negras, sempre vou, mas não dá, uma coisa é política e outra coisa é o Floresta, sabe, sei que é importante o papel do movimento, mas... Não sei... Não dá para misturar as coisas. Semana passada mesmo eu fui à reunião, estavam todos lá, todos do movimento, sabe, aqueles que a gente já conhece... O PT está envolvido com o movimento, acho isso bom, outros partidos também, mas a discussão fica só em torno de política, entende, e o Floresta ou o Satélite, não só política, existem outras atividades que são muito mais importantes para os clubes, além da política, não quer dizer que seja bom discutir política nos clubes, mas o negócio está muito partidário. Eu entendo que o clube deve sim tratar das questões ligadas a cultura, principalmente, e nós [Aqui o entrevistado se refere a "velha guarda" do clube] discutimos essas coisas, por isso, de vez em quando acontecem

¹⁹ Entrevista realizada pela autora em 05/11/2004.

*alguns atritos com o pessoal mais novo da direção, mas nada grave é assim mesmo. Tem que ficar claro o papel do clube dentro disso tudo [...]*²⁰.

A chamada "política partidária", na concepção da "velha guarda", está muito ligada ao movimento negro. Fica claro que parte desses dirigentes não acha compatível esse tipo de política com as atividades realizadas nas associações. Isso não significa que a política não faça parte do universo desses agentes. As formas políticas que fazem parte das atividades dos agentes em questão ("velha guarda") diferem das atividades políticas atuais. As fronteiras entre as chamadas atividades culturais e atividades políticas passam por reformulações. Eventos organizados pelos clubes na década de 1950 e 1960, que homenageavam políticos influentes que *apoiavam* as associações, não representavam, nas concepções dos agentes e no contexto ali vivido, um evento político. Eventos semelhantes que atualmente são organizados nos clubes, juntamente com o movimento negro, são encarados pela "velha guarda" como eventos políticos. Percebe-se que esses atores sociais disputam suas próprias fronteiras, redefinindo, inventando/reinventando as concepções de política e cultura.

3.2 Trajetórias, lógicas de engajamento e carreira militante

A discussão de como esses presidentes, conselheiros e assessores se interessam e investem em um tipo de movimento social – em tipos de atividades ligadas ao movimento negro – trata-se do principal tema aqui. As diversas trajetórias nos permitem entender essas escolhas dos agentes e, conseqüentemente, do envolvimento, ou não, com o movimento negro, com a "temática étnica negra".

Existem algumas condições que determinam certas posições e escolhas profissionais. Essas condições objetivas podem ser suas posições no espaço social, capital herdado, percurso profissional e posições sociais de origem. Então, trajetória aqui funciona para a compreensão dos processos de recrutamento do quadro diretivo das associações, ou seja, das condições necessárias para que a atuação e a condução das associações negras sejam feitas por profissionais "especializados". A opção de atuação nos clubes está relacionada à diversidade de trajetória desses agentes e dos recursos acumulados, essas condições, de certa maneira, permitem ao agente fazer escolhas dentro de um leque de opções a que tem acesso. Dessa maneira, as condições objetivas

²⁰ Entrevista realizada pela autora com atual conselheiro e ex-diretor da Associação Floresta Aurora, em 15/11/2004.

estão relacionadas às condições subjetivas dos agentes, então, as oportunidades objetivas de suas trajetórias tendem a se "ajustar" às possibilidades apresentadas.

Além das questões objetivas e subjetivas, é preciso incorporar, nessa discussão, um conjunto de interações e de lógicas de engajamento estabelecidos por esses agentes, juntamente com toda essa temática étnica negra e suas peculiaridades. O envolvimento, a inserção e o contato estabelecido com entidades diversas do movimento negro contribuem para que se determinem as maneiras de conceber o espaço em que o agente está inserido. Isso faz com que as situações vivenciadas por esses indivíduos provoquem algumas alterações no modo como eles vêem seu próprio trabalho e o dos "outros", ou seja, dos que estão envolvidos com o movimento negro e o dos que não estão.

Desse modo, as lógicas de engajamento e as trajetórias estão inter-relacionadas. Os tipos de recursos acumulados nas diversas trajetórias definem e permitem o desenvolvimento de um engajamento com o movimento negro e também um investimento em uma carreira militante.

As entrevistas realizadas com um grupo de dirigentes e ex-dirigentes das associações negras foram aqui agrupadas de acordo com tópicos do roteiro de entrevistas. Esses tópicos dizem respeito às trajetórias, envolvimento com o movimento negro e lógicas de engajamento. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas e história de vida; a maior parte das entrevistas foram realizadas durante o final do ano de 2003 até agosto de 2004. Procuramos entrevistar todo o quadro diretivo atual das duas associações (Satélite Prontidão e Floresta Aurora) e uma parte dos presidentes, assessores e conselheiros que não fazem mais parte do quadro diretivo atual, mas estão ainda muito envolvidos com as associações, em cargos "simbólicos" como, por exemplo, os "conselheiros natos" da Floresta Aurora. Os "conselheiros natos" são formados por ex-presidentes da associação.

As entrevistas tiveram como objetivo principal reconstituir a estrutura das posições e disposições que permitiram a esses diferentes agentes percorrer suas trajetórias sociais e profissionais, que orientaram suas tomadas de posição e seus pontos de vistas, além de agrupar as informações sobre o processo de engajamento no movimento negro.

Procuramos aqui demonstrar a visão que esses agentes têm sobre a temática "étnica negra" e como suas definições estão ligadas às suas trajetórias militantes, profissionais, políticas, e ao engajamento.

Para o atual quadro diretivo de cada uma das associações, o envolvimento com o movimento negro é "evidente". Esse engajamento com a "causa negra" está relacionado às questões de construção de uma identidade étnica negra, fazendo com que a atuação e condução, nas associações, tenham lógicas diferentes, como relatam os atuais assessores das associações negras. As definições do que são as associações e do que são as entidades do movimento negro estão destacadas na fala dos entrevistados. Há uma preocupação em delimitar, por exemplo, espaços de atuação, ou seja, o trabalho que é realizado nas associações e o que é específico do movimento negro. Isso significa que as oposições entre esses espaços são significativas para os agentes que atuam nos dois locais. Ao mesmo tempo, existe uma preocupação em unificar, de certa maneira, essas atuações.

Assim, há associações e oposições de categorias que dizem respeito a cada espaço de atuação e são relatadas nas entrevistas. São construções sobre o que é uma atuação política ou culturalista, e conseqüentemente, de como se constroem as barreiras que definem o que são entidades do movimento negro e clubes negros.

[...] Antigamente, o movimento negro estava aqui e os clubes aqui, quer dizer cada um atuando no seu mundinho. Atualmente as coisas estão mais unidas, o quadro diretivo dos clubes. Não estou falando só do Floresta, o Satélite também, pois é, os presidentes, assessores, esse pessoal todo que trabalha mais diretamente com os clubes está intimamente ligado ao movimento negro, é inevitável, eu acho. Eu sou militante do movimento negro desde 1980, carrego comigo essa bagagem, essa história, então, eu tendo um cargo de assessoria na associação, que me permite trabalhar com a causa negra dentro do Floresta... A maioria do pessoal envolvido com a direção do clube milita no movimento, eu acho que as coisas não devem ser separadas, ser militante do movimento negro e poder trabalhar dentro dos clubes com as questões que preocupam o povo negro é muito importante[...]²¹.

²¹ Entrevista realizada em 27/08/2004, com o atual assessor da Associação Floresta Aurora.

A atuação em entidades do movimento negro está associada a um conjunto de experiências que fazem parte de um certo capital adquirido e que tem por finalidade ser aproveitado e incorporado às "novas" formas de condução dos clubes. Essa *bagagem* de experiências que vem do militância na "causa negra" associa-se às relações políticas existentes entre esses agentes e partidos políticos, bem como com entidades de apoio a políticas públicas de incentivo à população negra ligadas ao Estado. Dessa forma, o novo quadro diretivo dos clubes tenta aproximar-se e estabelecer ligações com uma rede de instituições do movimento negro, com o Município, o Estado e o governo federal.

[...] Acho que movimento negro e associações negras estão relacionados, hoje em dia. Ainda existe uma certa resistência em relação a essa união, mas na verdade, eu acho que as duas coisas nunca estiveram separadas, pelo menos não deveriam, porque afinal de contas se os clubes são espaços negros não tem porque não usar eles para poder discutir essas questões tão importantes sobre a causa negra, principalmente, sobre a cultura negra. É um espaço que deve ser usado para isso. Eu sempre me envolvi com o movimento negro aqui em Porto Alegre, eu sou do interior, mas vim adolescente pra cá, então o meu trabalho aqui no clube está muito ligado ao movimento, se eu não estivesse envolvida assim, talvez não tivesse atuando aqui no clube²².

Nota-se que os membros atuais dos quadros diretivos das associações procuram aliar esse engajamento no movimento negro com cargos desempenhados nos clubes. A militância parece ser um "pré-requisito" importante para a obtenção dos cargos do quadro diretivo atual. Essa militância, de certa maneira, está relacionada às trajetórias de cada um dos agentes. Essa "nova" atuação no quadro diretivo dos clubes – que é um processo que emerge com os movimentos sociais no Brasil – tem a pretensão de proporcionar um encontro com o passado e o presente. Essa "nova" atuação nas associações, então, tenta retomar o passado, renovando-o. Essa renovação, segundo os informantes, dá-se com um envolvimento de entidades do movimento negro com as associações por meio de um novo quadro diretivo.

Sobre as questões das barreiras construídas no decorrer de processos sociais, Homi Bhabha identifica como se constituem tais fronteiras culturais na atualidade,

²² Entrevista realizada em 05/05/2004, com a conselheira atual do quadro diretivo da Associação Satélite Prontidão e ex-assessora da Associação Floresta Aurora.

como são resgatados elementos "tradicionais", integrando-os ao "novo". Segundo Bhabha:

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com "o novo" que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma idéia do novo como ato insurgente de tradução cultural [...] (BHABHA, 1998: p.27). Esta construção de fronteiras retoma o passado como causa social, renovando-o e reconfigurando-o como um "entre-lugar" contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O "passado-presente" torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (BHABHA, 1998: p.27).

Alguns presidentes, assessores e conselheiros que atuaram nas associações em um período anterior²³ priorizavam e ainda priorizam outras formas de condução e atuação nas associações. O envolvimento com o movimento negro dá-se de uma forma "menos engajada", e, nesse caso, a militância tem menos importância. As práticas políticas diferenciam-se e, sendo assim, a "tradição" passa a ser a fundamentação maior na condução dos clubes. Os relatos abaixo esclarecem esse ponto de vista.

O Satélite chegou a dar baile no São Pedro! Aquelas grandes sociedades que hoje não tem mais davam baile no São Pedro. Desmanchavam o teatro para fazer baile, vinha orquestra, o Satélite foi um dos que deu baile, porque o Satélite era a "nata do preto". Naquele tempo era só gente "bem" (Assessora do departamento feminino do Satélite Prontidão na década de 50)²⁴.

As atividades realizadas nos clubes e o comportamento dos sócios, frequentadores, e principalmente da direção dos clubes, envolviam a representação do que era considerado da "alta sociedade", dessa forma, um baile que acontecia durante o ano, por exemplo, no Teatro São Pedro²⁵ tinha uma importância crucial para um bom encaminhamento dos clubes, para a conservação dos sócios e frequentadores considerados influentes e com certo *status*²⁶ na comunidade. Abaixo, um antigo

²³ Período anterior à emergência dos movimentos sociais no Brasil, principalmente, do movimento negro.

²⁴ Entrevista realizada pela Prof. Dra. Daysi M. Barcellos e bolsista de aperfeiçoamento Fapergs Maria Emilia, no ano de 1995.

²⁵ Teatro principal de Porto Alegre onde aconteciam espetáculos e eventos importantes.

²⁶ Influência e *status* que estavam relacionados aos envolvimento com figuras de destaque da política no estado (vereadores, deputados), a partir de uma relação bastante personalista.

membro do quadro diretivo da associação Satélite Prontidão descreve um evento considerado importante para o clube, organizado pela direção, que reunia figuras importantes naquele grupo que fortaleciam a imagem de "elite negra", ou a *nata do preto*, tão almejada por esses indivíduos.

[...] Os eventos importantes do Prontidão eram os bailes, as jantãs, baile de debutante, apresentando as moças à sociedade, os bailes de 15 anos... A gente se reunia, a diretoria, os departamentos, pra organizar esses eventos, sempre tinha trabalho, porque isso que fazia o clube funcionar. Ah! Tinha também um chá que reunia as senhoras, era muito famoso, organizado pelo Cirilo [...]. Só os sócios podiam freqüentar, não vendiam ingresso para gente de fora, tinha que ser sócio. O Cirilo era da "alta", se dava bem com as famílias que tinha dinheiro, gente importante da cidade, a "ralé" não participava do chá [...]. As coisas mudaram um pouco, hoje se faz palestras e outros eventos e os bailes deixaram de ser a coisa mais importante, mas ainda fazemos o baile de debutantes, as moças ainda gostam, é um pouco diferente, é outra geração, é a mocidade, mas aos poucos os bailes foram perdendo, um pouco a importância, a tradição... Eu acho assim (Tesoureiro do Satélite Prontidão durante 13 anos, também nas décadas de 50 e 60)²⁷.

Outro fato interessante que se encontra nas declarações dos entrevistados (da "velha guarda") está na importância em definir o trabalho feito nos clubes e o trabalho que diz respeito ao movimento negro. Os clubes estão relacionados a uma estrutura de entidades recreativas sem um envolvimento com partidos políticos, por exemplo, mas admitindo-se relações individuais com políticos (relações políticas entre diretores das associações e vereadores e deputados).

[...] Não, nunca fiz parte do movimento negro, não que eu não goste ou que eu não ache importante, mas não pra misturar as coisas, entendeu, como eu te disse, se a minha prioridade foi me dedicar ao Floresta, então, fiquei no Floresta e fiz um trabalho bem feito, quer dizer, uma coisa é o clube, uma associação cultural e beneficente, outra coisa é o movimento negro, que eu não tenho propriedade

²⁷ Entrevista realizada no ano de 1995 pela Prof. Dra. Daysi M. Barcellos e bolsista de aperfeiçoamento Fapergs Maria Emilia.

*para falar, nem pra misturar as coisas [...]*²⁸ (Ex-assessora do departamento feminino do Floresta Aurora, 62 anos).

Essas declarações retratam como a visão de uma geração anterior "colide" com alguns preceitos dos atuais quadros diretivos das associações, mas, ao mesmo tempo, há também uma preocupação – das duas gerações, de tentar aliar esses diferentes pontos de vistas na condução das associações.

Retomando, assim, as hipóteses apresentadas na dissertação, encontramos dois tipos diferentes de atuação na direção das associações. Uma geração de agentes que se engajaram na direção apostava no desenvolvimento das associações através da conservação de uma imagem ligada à "elite negra", apostando na realização de grandes bailes, eventos "típicos" de uma classe média em ascensão, aspirando a um novo *status*. É possível identificar esse tipo de atuação por meio das falas dos entrevistados que identificamos aqui como uma primeira geração de presidentes, conselheiros e assessores dos clubes. Segundo a "velha geração", a preocupação com os eventos sociais é um fator importante de identificação dos clubes e que, de certa maneira, diferencia as associações das entidades do movimento negro. Os bailes de debutantes, os bailes temáticos e os grandes jantares são atividades consideradas de importância para situar as associações e criar algumas fronteiras de distinção com as entidades do movimento negro, como fica claro nos trechos de entrevistas com agentes da "velha geração".

Na década de 1980, o perfil dos agentes envolvidos com os clubes sofre um processo de mudança. A partir de meados da década de 1980, – fortalecendo-se na década de 1990 –, uma segunda geração de dirigentes passou a atuar nas associações. Essa nova geração traz com ela um envolvimento mais evidente com o movimento negro e esse militância reflete-se na atuação dentro dos clubes. Além disso, a militância passa a ser um elemento importante para a obtenção de cargos no quadro diretivo das associações. Esse novo quadro diretivo, com maior envolvimento nas entidades do movimento negro, passa a representar as associações e enquadrá-las dentro das mobilizações sociais negras.

[...] A sociedade brasileira precisa saber que existem sim, heróis negros no país, principalmente as crianças na escola, né, o Zumbi foi um herói que lutou pela

²⁸ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2004.

*igualdade na sociedade. A história negra deve ser valorizada na escola, ela é um tipo de incentivo aos negros e aos estudantes de forma geral, eu acredito que a estudo, o incentivo, enfim, a escola é a principal forma de ascensão social para o negro hoje em dia [...]*²⁹.

O relato acima do presidente de uma das associações diz respeito às atividades desenvolvidas no local e que se tornam mais evidentes por meio da imprensa, em datas comemorativas, como o "dia da Consciência Negra", comemorada oficialmente no dia 20 de novembro, data que homenageia o "líder negro" Zumbi dos Palmares. A militância negra desempenha um papel fundamental no processo de seleção dos cargos de presidência, conselho e assessoria das associações. A procura de alianças e financiamento das grandes fundações e entidades que incentivam essas ações políticas passa a fazer parte das estratégias de manutenção das associações. Essas mudanças de condução nos clubes desencadearam uma série de eventos ligados às políticas de ações afirmativas voltadas para a população negra. Por exemplo, as discussões sobre cotas para negros na universidade, e a retomada de "uma história do negro no sul do Brasil", festejando algumas datas, como o 20 de novembro, e debatendo as condições de vida do negro na atualidade.

*[...] Com o movimento negro eu sempre tive envolvido, desde 80 mais ou menos e com o Floresta também, sei que existe uma certa barreira, ou melhor, existia uma certa barreira entre essas instituições mais tradicionais e o movimento, mas isso aos poucos está mudando. Tu vê que a diretoria toda do Floresta tem vínculo com o movimento, às vezes, a gente tem algumas divergências lá dentro, principalmente com o pessoal mais velho, mais tradicional, mas a gente não quer acabar com a tradição, muito pelo contrário, a gente quer ter as duas coisas juntas, o movimento negro e a tradição dos clubes. Por que não?! Mas é uma tarefa árdua. Não que o trabalho pro clube não seja profissional, também é, mas a gente se mete em muitas coisas. A minha vida profissional está muito ligada à política, me candidato de novo a vereador pelo PT. Não que o trabalho pro clube não seja profissional, também é, mas a gente se mete em muitas coisas (Atual assessor do Floresta Aurora)*³⁰.

²⁹ Entrevista realizada pela autora em 18/11/2004, com o atual presidente da Associação Floresta Aurora.

³⁰ Entrevista realizada pela autora em 15/12/2003.

É evidente que nessas novas e velhas relações existem diferenças nas formas políticas de atuação, porém é importante destacar que as relações políticas atuais entre clubes e entidades do movimento negro, ou fundações de apoio à "causa negra", estão baseadas em trocas que interessam aos dois lados. Isso acontece porque os interesses que são negociados por ambas as partes ainda são considerados de menor importância, fazendo com que os espaços das negociações sejam realizados à margem.

*Eu acho que tem um lado bom, porque a juventude sempre dá uma vida pro local, mas também o lado ruim. Ruim, porque é um pessoal... Como é que se diz? Ah! Um pessoal meio transitório, porque assim como eles tão lá, daqui a pouco eles tão em outro lugar, então não são muito fiéis, não. Não que tenha que ser que nem um casamento! Mas tem que ter um certo respeito, se tu te prontificou a fazer parte de uma associação como o Floresta ou o Satélite, então tem que "encarar a bronca", quer dizer, são clubes de tradição, assim como outros que a gente vê por aí. Por que tu achas que o União, o Farrapos, a Sogipa são tão bem organizados e têm vários sócios? Porque as pessoas que dirigem os clubes não desviam a atenção pra outras coisas, se é clube, então vamos dirigir como clube, não com política, ou com... Sei lá, outras coisas. **Mas eu também acho que é importante se ter essa informação que vem do movimento negro dentro do clube, como o trabalho da Conceição, por exemplo.** Como eu te disse acho bom por um lado, acho que tem que ter as duas coisas, o pessoal mais tradicional e também pessoal do movimento negro, eu acho assim (Ex-assessora do departamento feminino do Floresta Aurora)³¹.*

As relações existentes entre os clubes, entidades do movimento negro e instituições da sociedade civil trazem uma certa credibilidade e seriedade ao trabalho realizado nessas associações. Tanto os velhos dirigentes quanto os novos encaram essas ligações de maneira positiva, tornando-se uma das formas de sustentação dos clubes. As informações sobre envolvimento com entidades do movimento negro, que vêm desses agentes, passam por associações com partidos políticos (principalmente partidos de "esquerda"), universidades (em muitas entrevistas foram citadas pesquisas e trabalhos realizados por alunos ou professores da UFRGS e PUC-RS) e, logicamente, as fundações de apoio à "causa negra". Portanto, quando esses agentes falam em militância e envolvimento com a "causa negra" vem à tona uma série de informações

³¹ Entrevista realizada pela autora em dezembro de 2003.

e ligações com outras instituições que, de uma forma ou outra, também passam a fazer parte das definições de "militância" e "envolvimento com o movimento negro", incorporadas no discurso de cada agente.

A militância atual do movimento negro aqui da cidade está envolvida com Satélite e com o Floresta. Eu acredito que exista envolvimento maior agora, com o próprio Cecune, também fiquei sabendo de um projeto de pesquisa desenvolvida pela UFRGS, sobre o resgate da memória dos Prontidão, parece que era um projeto de extensão... Enfim, acredito sim que exista um laço mais forte, hoje em dia entre os clubes e o movimento negro como um todo. Acho esses laços muito importantes, mas também, sei que é preciso resgatar esse lado mais tradicional das associações, acho que só assim essas associações negras vão crescer, quando houver uma preocupação com esses dois pontos [...]. (Ex-assessor do Satélite Prontidão, no final da década de 80)³².

As diferenças nas práticas políticas são evidentes nas duas gerações, porém a preocupação em "unir" essas duas formas também é interessante para "novos e velhos" dirigentes. As mudanças aconteceram e acontecem neste espaço (associações), esses clubes ganharam novos contornos, principalmente com relação à formação de seus quadros diretivos. Mas as declarações acima nos mostram que há um interesse em aliar essas visões, mesmo havendo esse conflito geracional.

Esta nova geração que atua nos principais cargos dos quadros diretivos dos clubes acredita que a atuação nas associações negras deve estar sempre relacionada à "questão negra". O papel das associações, para esses indivíduos, deve ser o de contribuir para o processo de construção legítima de uma identidade étnica negra. Os agentes que conduzem essas associações têm a "obrigação" de provocar indagações a respeito da "temática negra", das políticas afirmativas para negros, das questões ligadas ao trabalho e outras áreas.

[...] O trabalho que é realizado pela associação deve estar relacionado também com a comunidade, com a sociedade em geral, é importante que a gente faça o que interessa ao povo negro também, não estou dizendo que seja só isso, mas temos que despertar o interesse das pessoas que freqüentam a associação para as lutas anti-racistas, para as questões que interessam à cultura negra, quer dizer,

³² Entrevista realizada pela autora em 20/11/2003.

*são assuntos cruciais que a gente tem que discutir dentro do Floresta, dentro da Satélite e eu acredito que isso esteja acontecendo... Da minha parte está... [...]*³³
(Atual conselheira do Floresta Aurora).

A preparação dos agentes que atuam nas associações está relacionada ao nível de engajamento com a "questão étnica negra" e com um certo tipo de militância política. São indivíduos "preparados" e, por isso, ocupam cargos tão "importantes" nos quadros diretivos dos clubes.

Os "velhos dirigentes" trazem uma bagagem política que se diferencia dos objetivos político-organizativos atuais. Esses agentes que atuaram, e atuam ainda, nas associações, investiam e investem em um caráter cultural e recreativo dos clubes. Isso significa que não há ou havia uma "politização" por parte desses indivíduos, mas sim que a ênfase dada às associações estava em caracterizá-las como clubes que se restringiam a práticas chamadas culturalistas e assimilacionistas.

*Claro que eu conheço muita gente do movimento negro, mas não participo de nenhuma dessas entidades, acho interessante o trabalho que se faz, mas tem muita politicagem no meio... Não estou criticando, até porque não teria moral pra fazer crítica, sempre trabalhei no meio da política. Mas eu acredito que hoje o envolvimento com a política está diferente, bem diferente do meu tempo. Como é que eu vou te explicar: antigamente a gente se envolvia com um partido só, entendeu, não ficava virando "casaca", sabe como é, um dia está num partido, outro dia está em outro, daqui a pouco está formando um partido novo, entendeu. Não se tem mais um apego a um "político forte", eu vivi toda a minha vida trabalhando para um político, praticamente, hoje em dia não se tem mais isso, as coisas estão diferentes, as coisas mudam. No trabalho que fiz nos Prontidão sempre procurei ajuda de político, sabe, de um político só, e sempre consegui levantar o Prontidão através desse político, quando eu saí lá do clube, já no final, era final dos anos 70, um pessoal me criticou, mas eu sempre ajudei o Prontidão [...]*³⁴ (Ex-assessor do Satélite Prontidão).

Então, a idéia de organização das associações negras advinda dessa "velha geração" está vinculada a um certo personalismo político, calcado no clientelismo e troca de favores, que marcou o cenário político do país. Um dos pontos principais desse

³³ Entrevista realizada pela autora em 08/03/2004.

³⁴ Entrevista realizada pela autora em 24/05/2003.

conflito geracional dá-se exatamente nesse encontro entre práticas políticas diferenciadas. Isso significa que a definição do papel desses agentes, e principalmente a forma como é encarada e tratada a "temática negra" – os processos de construção de uma identidade negra – funcionam como "limitador" da condução e atuação nas associações. Essas oposições operam de forma a classificar presidentes, conselheiros e assessores dos clubes, ou seja, aqueles agentes que militam no movimento negro e aqueles que não fazem parte desse grupo. O trecho de entrevista, citado acima, mostra com clareza a relação personalista entre os agentes envolvidos com as associações e com os políticos. As relações políticas que se davam dentro dos clubes e que traziam certo *status* a eles estavam apoiadas nessas formas de atuação.

Confirmando em parte a hipótese principal deste estudo, percebemos que o conflito geracional dá-se a partir das diferentes formas de condução dos clubes sociais que estão relacionadas às formas diferentes de abordagem política, ou seja, uma apoiada em um clientelismo e outra em um militantismo, engajamento nos "movimentos negros". Por outro lado, as relações entre as associações e as formas políticas, por meio de seus presidentes, assessores e conselheiros, transformaram-se dentro de um mesmo processo. O que anteriormente eram relações baseadas no clientelismo, com o diálogo estabelecido diretamente com um político específico, agora passam por uma reformulação. Essa mudança está baseada no envolvimento direto – através de um certo engajamento militante por parte dos atuais presidentes, assessores e conselheiros – com entidades do movimento negro com o propósito de beneficiar as associações e inseri-las dentro de rede ou circuito de entidades do movimento negro. Há então, é uma transformação das formas clientelistas, dentro de um quadro social que permanece relativamente parecido. Os clubes sociais negros continuam, de certa maneira, enfrentando problemas relacionados à marginalização, e uma das formas de sobrevivência dessas entidades está amparada nesse tipo de transformação de relações revelado neste estudo.

4. NOVO PERFIL DOS DIRETORES DAS ASSOCIAÇÕES NEGRAS SATÉLITE PRONTIDÃO E FLORESTA AURORA

4.1 Histórico do movimento negro no Brasil e o caminho trilhado pelos clubes sociais negros

A história do movimento negro no país é marcada pelas diferentes movimentações ou diferentes caminhos que as entidades envolvidas tomaram. Mesmo não havendo uma movimentação dos negros em uma direção única, o “movimento negro”, enquanto movimento social, foi relativamente forte.

Nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, as idéias evolucionistas dominavam entre os intelectuais da época. Durante esse período, de 1900 até 1930, houve um movimento de associação e formação de lideranças negras nos clubes sociais das principais capitais do País. Os objetivos dessas associações, e de sua imprensa, articulavam-se em três eixos principais: o primeiro era o de promover a vida social negra, o reconhecimento dos espaços de sociabilidade, e principalmente, a consagração dos clubes sociais e bailes; o segundo eixo era o de liderar um processo de reeducação da "massa negra", ou seja, dando ênfase a uma completa aculturação e afastamento das origens africanas; o terceiro estava em lutar contra o preconceito de cor e contra o sentimento de inferioridade. Assim moldavam-se os clubes sociais negros, em Porto Alegre, tendo como os principais pontos de articulação essas questões.

À maneira do evolucionismo da época, as lideranças negras que despontavam acreditavam e aceitavam os estereótipos carregados pela massa negra. Assim, reeducar a massa negra significava também distanciar-se ou diferenciar-se dela. O combate ao preconceito estava intimamente ligado a esses preceitos.

A partir da década de 1930, as tensões raciais no país crescem em várias capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, etc., onde as diversas formações étnicas – italianos, portugueses, alemães – estavam bem organizadas. Durante os anos 1930, surge a Frente Negra Brasileira (FNB), organização que tinha como base para o recrutamento de membros a identificação pela “cor ou raça” e não na “cultura ou tradições”. As associações beneficentes continuam atuando e fazendo parte da vida social de uma parcela da população negra com os ideais de *status*, ascensão social e formação de uma elite negra. A finalidade da FNB era afirmar o negro, ou mestiço,

como brasileiro, ou seja, renegando as tradições culturais afro-brasileiras que estereotipavam os negros. Sendo assim, as idéias evolucionistas continuavam, porém era o “tom do discurso” que se diferenciava, tornando-se nacionalistas.

A denúncia do preconceito de cor que afastava o negro do mercado de trabalho favorecendo os estrangeiros, também marcava as atividades da FNB. Além disso, essa organização, antes do Estado Novo, transformou-se em partido político; a FNB era em sua maioria de direita, porém tinha algumas dissidências socialistas.

Em meados da década de 1940, a “redemocratização” foi marcada por um projeto nacionalista, em termos econômicos e culturais. Representando assim, por um lado, uma recusa do liberalismo econômico e imperialismo cultural europeu e americano, e por outro lado, a construção de um capitalismo regulado pelo Estado, e uma cultura com bases populares. O projeto nacionalista ofereceu aos negros uma melhor inserção econômica e transformou em nacional várias tradições regionais de origem afro ou luso-brasileira, exaltando como genuinamente nacional, por exemplo, festas do catolicismo popular, samba, carnaval, candomblé, etc.

[...] O federalismo político foi, de certo modo, fortalecido pela nacionalização dos diversos regionalismos culturais, todos de cunho racial, e temperados agora pela grande mobilidade espacial da população e pela ‘integração do negro na sociedade de classes’, ou seja, como *trabalhadores e brasileiros negros* (GUIMARÃES, 2002, p. 88).

Mesmo com esse processo de “democracia racial” – no imaginário nacional – o protesto negro ampliou-se e amadureceu intelectualmente durante esse período.

Em Porto Alegre, durante a década de 1940, a União dos Homens de Cor (UHC) foi fundada pelo Dr. João Cabral Alves – proprietário de um escritório comercial proeminente na cidade –; a UHC contava, cinco anos depois, com representação em pelo menos onze estados do país. Mesmo na Bahia, onde, – segundo Thales de Azevedo (Azevedo, 1975), havia uma grande desconfiança, já que não havendo racismo não haveria necessidade de um “*movimento isolacionista*” –, foi estabelecida uma sucursal do grupo. A UHC tinha como um dos seus objetivos, expresso no estatuto; elevar o nível econômico e intelectual dos negros em todo o

território nacional, para torná-los aptos a ingressarem na vida social e administrativa do País, em todos os setores de atividades.

A UHC valia-se da estrutura política já estabelecida nos locais em que estivesse presente. Assim, deputados, médicos, advogados, jornalistas e homens negros com visibilidade social e política eram membros da UHC, a qual tinha na rede um sustentáculo político. Ou seja, fortaleciam-se politicamente em suas regiões por estarem ligados a uma conexão nacional de homens negros com destacada atuação social e política nas suas regiões. Mesmo considerada "elite negra", essa pequena parcela sofria os problemas de marginalização e precisava articular-se para enfrentar essas questões. O *Nosso Jornal*, publicação da UHC e órgão de difusão, podia ser impresso e reproduzido em cada município, desde que em articulação com a coordenação geral do seu Estado. Como resultado, a rede era estruturada a partir de uma presidência central, o que a tornava autônoma e mais ágil no alcance de seus objetivos.

Dentre as atividades desenvolvidas estavam as campanhas educacionais, cuja meta principal era a integração do negro na sociedade, por meio da ascensão social e intelectual. A comunicação entre os clubes negros na capital e a UHC se dava de uma forma discreta, e havia um cuidado em definir as preocupações da UHC e dos clubes. O interesse dos clubes estava centrado nas questões "sociais", "recreativas" e "esportivas". A UHC estava também em uma visibilidade social (reconhecimento de uma elite negra pela sociedade maior), como também na visibilidade política dessa parcela da população negra.

No Rio de Janeiro criou-se o Teatro Experimental Negro (TEN) já no início da década de 1950. O TEN foi a principal organização negra no País durante essa época. No início, a organização tinha um objetivo somente cultural, abrindo o campo das artes cênicas aos atores negros. Com o passar do tempo, o TEN se transformou em agência de formação profissional, além de encabeçar um movimento de recuperação da imagem e auto-estima da população negra. Os principais intelectuais que atuaram no TEN foram Abdias do Nascimento e Alberto Guerreiro Ramos. A ideologia desses intelectuais estava de acordo com a política nacionalista e populista exaltada pelo trabalhismo de Vargas. Alberto Guerreiro Ramos se destacou com a radicalização de suas críticas, do ponto de vista ideológico; Ramos contestou radicalmente as questões de mestiçagem

brasileira e do “mulatismo” em Gilberto Freyre, transformando, assim, a negritude em assunção de identidade brasileira que se libertava de complexos deixados pela colonização européia.

Os propósitos de integração do negro na sociedade brasileira e de resgate da auto-estima marcaram o TEN. Com a intenção de mostrar que os negros estavam longe de ser uma minoria no País, essa organização incluía mulatos e pardos dentro de uma mesma categoria, formando, assim, o *povo* brasileiro. A palavra povo tinha a conotação de pessoas sem acesso à educação, ao emprego e à assistência médica; o *povo* como oposto de *elite*. Já bem estabelecidos na década de 50, os clubes fortalecem suas relações políticas por meio da marca personalista do clientelismo. Os presidentes, assessores e conselheiros das associações procuravam suporte para os clubes na figura de vereadores e deputados, resultando em visibilidade das associações de uma "elite negra".

Tanto na postura da FNB, quanto na postura do TEN, ficou claro o reconhecimento tácito da superposição entre ordem econômica e ordem racial, barrando o caminho da integração do negro à modernidade luso-brasileira. O discurso dessa fase – posterior à década de 1930 – afirmava que a ordem racial já tinha sido desfeita. As diferenças existentes entre negros e brancos eram atribuídas à ordem de classe.

A postura ideológica do TEN estava na reivindicação de uma identidade negra, ou seja, não apenas mestiça ou mulata que constituiria o âmago da identidade nacional brasileira. Assim, os líderes negros do TEN tentaram equacionar nacionalismo e negritude. O TEN começa um novo tom de mobilização negra; durante as décadas de 50 e 60 os clubes ainda lutavam pelo reconhecimento e formação de uma elite negra, porém essas novas mobilizações, aos poucos, começavam a modificar a forma de atuação também nos clubes sociais.

4.2 Movimento Negro Unificado: o novo perfil de mobilização negra

Em meados da década de 1970, teve início uma “nova” onda de mobilização política negra no país. Durante os anos 70, uma crescente parcela da população negra, aspirante ao *status* de classe média, começa a debater e discutir questões ligadas à sua posição na sociedade. Essa nova mobilização negra reunia grupos com interesse na História, e, principalmente, na chamada “cultura negra”, inspirada por uma onda de

movimentos de independência na África Portuguesa, nos movimentos dos direitos civis; e no *Black Power* nos Estados Unidos. No começo da década de 70 houve uma discussão interessante nos clubes sociais negros, principalmente na Sociedade Floresta Aurora; onde os bailes organizados pela juventude da época eram os chamados "*Black Music*", orientados pelo ritmo musical norte-americano. A realização desses bailes fez com que a "velha guarda" e os jovens discutissem sobre o que seria mais importante para os bailes e a para imagem dos clubes: esse "novo" ritmo musical norte-americano ou os sambas brasileiros? A partir daí começaram, ainda que de forma tímida, as discussões que emergiam junto com os movimentos sociais urbanos no país.

Essa nova mobilização negra acreditava enfrentar oponentes similares aos enfrentados, na África, ou seja, o legado do colonialismo português exercido por uma ditadura autoritária de direita, e no caso dos Estados Unidos, uma ordem social que havia deixado a hierarquia racial praticamente intacta.

Com a independência das colônias portuguesas na África e a implementação de oportunidades iguais, e legislação de ação afirmativa nos Estados Unidos, a mobilização negra no Brasil passou a pensar na possibilidade de conquistar esses "direitos" no país.

Em 1978, mais especificamente em 13 de maio de 1978, na data comemorativa dos 90 anos da abolição da escravatura, alguns militantes negros de classe média aproveitaram a data e criaram uma nova versão da FNB em São Paulo. Nesse mesmo ano – 1978 – aconteceram dois fatos em São Paulo que contribuíram para a formação do Movimento Negro Unificado. O primeiro foi em 28 de abril, quando um trabalhador negro, Robson Silveira Luz, morreu sob custódia da polícia devido a torturas, sendo detido sem acusações, por vários dias. O segundo fato aconteceu duas semanas mais tarde, foi a expulsão de quatro negros do Clube de Regatas Tietê, onde jogavam pela equipe de um time de vôlei. Esses acontecimentos marcaram de forma substancial o estado das relações raciais, principalmente em São Paulo, e receberam atenção pública devido à sua coincidência com o 90^a aniversário da abolição que carregava consigo a promessa de um 13 de maio de "igualdade e democracia racial". A partir desses importantes acontecimentos, alguns ativistas negros reuniram-se, em 18 de junho, no Centro de Cultura e Arte Negra – centro criado, em 1969, por um grupo de artistas e intelectuais – para discutir os dois fatos acontecidos. Nesse encontro, formaram o

Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, que mais tarde passou a ser chamado de Movimento Negro Unificado, o MNU. Em pouco menos de um mês o movimento atraiu adeptos em vários Estados do País (Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul); encontros foram acontecendo e espalhando a organização pelas comunidades negras em todo o País.

O MNU, em sua orientação política, teve como referências políticas organizações culturais das décadas de 1950 e 1970. O movimento organizava-se em torno de centros (“centros de luta”), buscando conscientizar a população negra a respeito da discriminação e da desigualdade raciais no país, organizando seus membros para “lutar contra essa discriminação”. Os ativistas do MNU esperavam pressionar o governo, os partidos e outras instâncias para combater o racismo na sociedade em geral, adotando assim, políticas que conduziram à igualdade de oportunidades econômicas, educacionais e outras, para a população negra. O objetivo maior do MNU estava em erradicar o capitalismo do Brasil, ou seja, sob uma orientação marxista alguns ativistas do movimento analisavam o racismo como consequência inevitável do desenvolvimento capitalista, tendo assim, como argumento principal, a substituição do capitalismo pelo socialismo como única maneira de criar uma genuína democracia racial no país.

A criação de novas instituições, por militantes negros, no final da década de 1960, que proliferaram durante toda a década de 1970, representava um outro caminho que desviava da política de esquerda e da de direita em vigor e de relações clientelistas muito utilizadas por líderes de instituições negras no Brasil. Já no final de 1970 e começo da década de 1980, começaram a fluir para esses “reservatórios culturais e políticos, profissionais negros com nível superior”. O ativismo estudantil, e circunstâncias pessoais, fizeram com que esses profissionais negros que ingressaram na universidade sem uma “consciência racial”, tornassem-se militantes do movimento negro. Esses fatores contribuíram para a ascensão do movimento negro nesse período. A tarefa dos “novos” ativistas negros, em todo o Brasil, era tentar uma nova política que caminhava ao encontro de uma nova era da democracia emergente, ou seja, a intenção era se afastar do determinismo econômico da esquerda e do clientelismo da direita. Baseando-se nesses preceitos, os chamados novos dirigentes dos clubes sociais negros acreditavam em um processo de transformação na condução das entidades, começando um período de militantismo e engajamento com entidades do movimento negro.

Os primeiros líderes do MNU – em São Paulo – acreditavam que a utilização da cultura, como manifestações artísticas, como recursos pedagógicos e políticos para a educação da população negra, eram práticas poderosas que distinguiram o culturalismo que fazia parte das relações políticas estabelecidos por um "antigo" movimento negro.

Na década de 1970, ainda um período difícil para o debate de questões raciais no país – período de ditadura posterior a 1964 – a confiança na cultura expressiva como veículo do discurso político era grande. As posturas culturalistas definiram os caminhos do movimento negro dessa época. As expressões que dominavam a linguagem, e as práticas dos agentes envolvidos com essas mobilizações, foram definidas pelo culturalismo. Essa postura culturalista criou para o movimento negro algumas contradições. Assim, questões culturais fizeram com que houvesse um processo de retorno às “raízes africanas” como base de qualquer prática política ou cultural. A manifestação política dessa "negritude" deu-se nas tentativas de ampliar o ensino da história africana no sistema de ensino do País. Outras manifestações procuraram unir as práticas políticas de base cultural a demandas de benefícios mais igualitários para os brasileiros de origem africana em geral (HANCHARD, 2001).

Uma característica importante do movimento negro, na década de 1970, foi a ausência de uma estrutura partidária que, segundo Hanchard, prejudicou o movimento nesse período e no seu desenvolvimento posterior. A maioria dos protestos negros no Brasil limitou-se a indivíduos relativamente isolados e a associações originárias da classe média baixa.

O Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial converteu uma parcela importante de intelectuais que fizeram parte da Convergência Socialista (em São Paulo). A Convergência Socialista foi uma organização cuja base ideológica era a versão trotskista do marxismo. Essa característica da Convergência fez com que várias práticas e estratégias políticas fossem empregadas no movimento negro, principalmente no MNU. Vários intelectuais que faziam parte de um grupo de trotskistas negros, na Convergência Socialista, passaram a ser importantes figuras na criação do MNU.

O periódico da Convergência Socialista intitulado *Versus*, e publicado no final dos anos 70, tinha uma seção intitulada *Afro-Latino América*, criada pelos membros do núcleo socialista negro. Os artigos criados na seção tinham como posturas táticas e

ideológicas construir uma análise paralela de raça e de classe na sociedade e cultura brasileira. Além disso, eram a favor da criação de um partido socialista, com ênfase na política trabalhista, com “núcleos negros” dentro do partido, que tratassem das questões de discriminação, violência policial e da segmentação do mercado de trabalho. Essas idéias foram as precursoras do MNU e decisivas para o movimento negro em geral, assim como as correntes do culturalismo também o foram em um primeiro momento. A novidade dessa mobilização negra no país, no final da década de 1970, estava na defesa de uma posição quanto à raça e à classe, pelos intelectuais negros, passando a ser uma postura dominante do movimento.

As atividades e protestos realizados pelo MNU e por outros grupos negros nos principais “centros de luta” – Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre e Vitória – inquietaram parte dos intelectuais que acreditavam na “democracia racial brasileira” (parte da elite branca). Gilberto Freyre foi um dos críticos às atividades do MNU; Freyre negava a existência de preconceito racial no país, logo, as atividades do MNU foram consideradas um racismo às avessas.

Em Porto Alegre, no início da década de 1970, uma nova mobilização começava a realizar manifestações conjuntas e públicas na área central da capital gaúcha. Incentivados por idéias ainda desconhecidas sobre os movimentos *Black Power*, Panteras Negras, Mulçumanos Negros, etc., uma parcela da população negra porto-alegrense organizava-se. Os militantes do MNU, em Porto Alegre, foram os responsáveis pela consolidação política de um “território negro”, ou seja, espaços ocupados pela população negra no centro da cidade (BITTENCOURT, 1995). A luta política organizada e mantida pela militância do MNU, a partir da década de 1970, mostrou-se vigorosa, juntamente com outras entidades negras, no combate ao racismo. Os clubes sociais também passavam a discutir algumas idéias realizadas por essa nova mobilização.

A mobilização negra, no sul, passou a ser uma das principais mentoras da idéia de tornar a data de 20 de novembro como uma comemoração histórica nacional. A partir daí foi criada a entidade negra Grupo Palmares, em julho de 1971, com objetivos culturais. Encontros de *agitadores culturais negros*³⁵, na capital gaúcha, foram

³⁵ Grupo de pessoas que fazem parte de diferentes entidades do movimento negro.

responsáveis pela criação do Grupo Palmares; Antônio Carlos Cortês e Oliveira Silveira destacaram-se na entidade como fundadores. Esse envolvimento com o MNU e outras entidades trouxe, nos meados anos 80, uma postura mais “politizada” para dentro dos clubes sociais negros. Ou seja, os diretores passaram a incorporar, nas “atividades culturais” dos clubes, práticas políticas ligadas ao combate à discriminação racial, o fortalecimento de uma "identidade negra" e o apoio a políticas de ação afirmativa para a população negra.

Já na década de 80, o MNU passou a apoiar partidos políticos de forma independente, ou seja, muitos membros faziam parte do Partido dos Trabalhadores (PT), por exemplo, mas o MNU funcionava separadamente. O apoio era dado aos partidos e candidatos que tinham a mesma postura a respeito da raça e questões compatíveis com as do movimento. Os centros de luta do movimento variavam em suas atividades e em sua influência em cada comunidade envolvida. Dessa maneira, o MNU passou a ser mais uma organização negra entre muitas, diferente da pretensão do movimento que pretendia ser uma entidade abrangente, funcionando como uma única organização no País todo.

Diferente do FNB e do TEN, o MNU fez com que a mobilização negra atual (o protesto) tivesse uma sobrevivência maior, por meio de um maior radicalismo. Fazendo parte de todo um processo de politização, o movimento negro atual trouxe para a cena brasileira uma agenda que alia política de reconhecimento (de diferenças raciais e culturais), política de identidade (racialismo e voto étnico), política de cidadania (combate à discriminação racial e afirmação dos direitos civis dos negros) e política redistributiva (ações afirmativas ou compensatórias) (GUIMARÃES, 2002). Os clubes sociais negros que continuam em atividade passaram a ter essas preocupações, que cercam o movimento negro atual, juntamente com o atual quadro diretivo.

4.3 O envolvimento com a "causa negra", a relação com as associações e os recursos sociais

A escolarização é um importante recurso social, e além disso, passa a ser uma possibilidade de uso instrumental para a "conquista" de cargos ou outras funções relacionadas à "causa defendida", neste caso, o movimento negro. A composição de titulação escolar tem uma infinidade de usos políticos. Esses títulos podem adquirir

novos significados e usos quando utilizados e inseridos na militância, isso pode resultar em configurações próprias, tanto para a carreira profissional quanto para a carreira de militante. Desse modo, é necessário levar em consideração as diferenças de esferas e fases dessas carreiras militantes, já que os recursos de legitimação necessários podem diferenciar-se. Existem diferentes lógicas sociais e políticas que põem em confronto o "atual" quadro diretivo dos clubes com os "antigos" presidentes das entidades, que atualmente ocupam cargos na direção, principalmente da Associação Floresta Aurora, como "conselheiros permanentes". Sabe-se então, que existem lógicas políticas e sociais diferentes em uma mesma esfera e que entram em confronto (ou conflito) no militantismo e na oposição a ele. Nos interessa, assim, discernir essas lógicas sociais.

As lógicas de engajamento e as trajetórias estão relacionadas, já que os recursos acumulados nas trajetórias admitem o desenvolvimento de engajamento no movimento negro e até no investimento em uma carreira militante. É importante, aqui, expor a visão que os entrevistados têm sobre esse militantismo e sua relação com os clubes.

"Ah! Sempre fui militante do movimento. Desde o final de 70 com o MNU, com o Grupo Palmares, enfim[...]. É impossível ficar sem vínculo com o movimento. O SOS racismo é um programa que eu coordeno, também. Temos o Núcleo de Negras e Negros do PT aqui de Porto Alegre, que é um espaço do movimento negro. O movimento negro faz parte da minha história de vida, sempre lutei pela dignidade, pelo direito dos negros, pela cidadania e ao meu ver é através do envolvimento com o movimento que vamos conseguir alguma coisa.[...] Eu sou diretora do departamento feminino do Floresta; o Floresta tem uma preocupação muito grande com essa questão da mulher negra.[...] Às vezes, nós conciliamos as atividades [ligadas ao movimento negro] com o Floresta, são trabalhos diferentes, mas dá para fazer algumas coisas em conjunto, como palestras, seminários, essas coisas... Na verdade essa preocupação é recente, antigamente, tanto o Floresta quanto o Satélite se preocupavam mais com a parte recreativa mesmo, mas os tempos são outros e as cabeças mudam. O movimento está aí para isso[...]" (Atual assessora da Associação Floresta Aurora³⁶).

³⁶ Entrevista realizada pela autora em 13/07/2004.

As atividades nas entidades do movimento negro e nos clubes em alguns momentos se confundem. Ou seja, as atividades ligadas às entidades do movimento negro, realizadas no espaço físico dos clubes, tentam abarcar esses últimos como sendo também parte do movimento – um braço do movimento negro – deixando claro que a preocupação do clube não é somente com os aspectos recreativos, mas também com o momento político, social, e principalmente, com a legitimação de uma *identidade étnica negra*. Contribuindo assim na construção de uma definição legítima de identidade negra. Outro trecho de entrevista ilustra essa relação entre o militância no movimento e a atuação nos clubes.

[...] Comecei a participar do movimento negro na mesma época que me envolvi com os clubes, uma coisa puxou a outra, sabe, nos anos 80 mesmo[...].[...] Começamos a organizar debates e reuniões que tratavam de assuntos do movimento negro, do MNU, sobre o racismo no país, enfim, todas essas coisas. Formamos um grupo aqui em Porto Alegre e muitas vezes não tínhamos espaço para discussão, então tinha os lugares clássicos aqui da cidade, como o Naval [Bar no mercado público de Porto Alegre], muito a gente se reuniu lá, todos os camaradas do movimento negro, de sindicato trabalhista, todo mundo se reunia para falar de política. Então, era bom pra um "happy hour", mas começou a ficar muito pequeno pro movimento, então começamos a se reunir nos espaços dos clubes, tinha uma certa restrição do pessoal mais velho, mais tradicional. Mas eram os clubes negros da cidade, o espaço negro, com uma história, a gente entendia que o espaço poderia ser usado para isso também, usado pelo movimento negro, eu acho que essa invasão contribui pra que se falasse mais dos problemas que os negros enfrentavam, quer dizer, tinha que se discutir essas coisas lá nos clubes também [...] (Ex-assessor da Associação Satélite Prontidão³⁷).

O envolvimento com o clube e com entidades do movimento negro caminham juntos para uma geração de presidentes, assessores e conselheiros que estão preocupados com uma lógica de envolvimento diferente da chamada *geração tradicional* que presidiram os clubes em outras épocas, mas que ainda fazem parte do quadro diretivo atual. As trajetórias dessa "nova geração" contribuem para que esse novo quadro, que alia o movimento negro e os clubes sociais negros, seja consolidado.

³⁷ Entrevista realizada em 20/09/2004

Porém, é importante para uma parcela de associados e de freqüentadores que a "velha geração" faça parte do quadro diretivo atual.

Essa lógica de engajamento dá-se de forma diferente com a "velha geração" no que diz respeito ao envolvimento com os clubes. A forma como os "mais velhos" envolvem-se com os clubes e com entidades do movimento negro configura-se de outra maneira, não há aí um engajamento militante ou um encaminhamento para uma carreira militante por meio do movimento ou do clube. O trecho de entrevista, a seguir, demonstra essa outra lógica de envolvimento.

Envolvimento, eu não tenho, mas o movimento negro foi e está sendo muito importante para o Floresta. A maioria da nossa direção atual é militante do movimento[...]. Nós prezamos a tradição aqui e isso vem de um longo processo, somos um clube social e cultural, mas eu sei que hoje em dia nós temos que pensar na política, também, por exemplo. Se envolver com o movimento nos traz muitas vantagens e a nossa meta é que o Floresta cresça cada vez mais. De vez em quando a gurizada... os mais jovens que freqüentam o clube, nos "acusam" de ser tradicional demais. Tudo bem, a gente entende que o movimento negro, a política e toda essa discussão são importantes, mas acontece que o Floresta Aurora tem como alicerce principal a tradição, nós nunca negamos espaço para o movimento negro, aqui no clube, mas tem coisas que devem ser separadas... Quer dizer, não separadas, mas existe um momento pra cada coisa (Atual conselheiro do Floresta Aurora)³⁸.

As fronteiras internas mais uma vez estão presentes dentro dessa lógica de engajamento; uma atuação mais "tradicional e correta" na associação é acusada de menos atuante, demarcando o limite do que é a forma mais interessante de condução de um "clube" e do que é importante para uma entidade do movimento negro. Assim, é admissível um diálogo com o movimento negro, mas sabe-se que o local é um "clube social" e deve ser tratado como tal, demarcando assim a barreira que existe entre movimento negro e clubes. Mesmo os membros do quadro diretivo que atuam no movimento negro de forma efetiva e procuram levar o movimento para dentro das associações trazem em seus relatos algumas demarcações importantes.

³⁸ Entrevista realizada pela autora em 20/11/2003.

Sou militante do movimento negro desde os 18 anos, trabalho no Cecune e também estou envolvida com outras entidades, já são 20 anos de trabalho pela causa e agora faço parte do Floresta. Eu sei que é uma entidade bem tradicional, mas é possível trazer algumas discussões do movimento para dentro dos clubes. Meu trabalho direto com o movimento é um e com o Floresta é outro, eu sei que a gente tem que separar um pouco as coisas senão é impossível fazer um bom trabalho. Tem que se ter em mente que aqui é clube beneficente, que é interessante ter o apoio de grandes entidades [...]. Tu vê, a Fundação Palmares, por exemplo. Mas é importante também não descaracterizar o clube[...]”³⁹ (Atual assessora do Floresta Aurora).

O capital simbólico, material e social desses agentes está atrelado a diferentes trajetórias sociais e profissionais, permitindo, assim, a seleção de indivíduos aptos a assumirem os cargos disponíveis no quadro diretivo de cada associação. Essas diferenças se dão dentro de processos históricos que emergem em determinados períodos. As informações retiradas do material empírico nos permitiram obter um relativo grau de indicação em relação às origens e percursos sociais desses agentes, porém não chega a haver uma representatividade estatística, já que não foi o objetivo da pesquisa.

Do quadro diretivo atual das associações, 10 membros do quadro diretivo atual da associação Floresta Aurora estão vinculados a entidades do movimento, por meio da profissão ou de atividades⁴⁰ realizadas em tais entidades. Igualmente envolvidos com a "causa negra" estão os 12 entrevistados, do quadro atual, da associação Satélite Prontidão. Dos 6 membros da "velha guarda" entrevistados, que ainda atuam no quadro diretivo da associação Satélite Prontidão, nenhum está envolvido com o movimento negro, apesar de conhecerem e eventualmente participarem de algumas reuniões; o mesmo aconteceu com a "velha guarda" da associação Floresta Aurora. Dos 7 integrantes que atuam como conselheiros no clube, nenhum participa de atividades em entidades do movimento negro. Dos 22 entrevistados⁴¹ das duas associações, 19 possuem curso superior completo e atuam como profissionais liberais; dos 13

³⁹ Entrevista realizada pela autora em 20/11/2003.

⁴⁰ As principais atividades relatadas pelos entrevistados são: participação em seminários (como palestrantes), reuniões e projetos ligados a políticas de ação afirmativa.

⁴¹ Os 22 entrevistados são indivíduos que fazem parte do quadro diretivo atual das associações, ou seja, que começaram a fazer parte das direções a partir da metade da década de 80.

entrevistados integrantes da "velha guarda" das duas associações 4 possuem curso superior, sendo que 13 foram funcionários públicos⁴².

Quanto à titulação escolar, os 19 entrevistados das duas associações, com curso superior, começaram seu envolvimento e atividades em movimentos sociais (principalmente com movimento negro) na faculdade, a partir do movimento estudantil (nos diretórios e centros acadêmicos). A filiação partidária desses agentes está ligada também ao envolvimento com os movimentos sociais; nessa filiação ocorre uma concentração em partidos chamados de esquerda, principalmente no PT⁴³, PTB, PC do B e PDT. A "velha guarda" tem uma concentração maior nos partidos PDT e PTB; a maioria afirma ser "getulista" (dos 13 entrevistados, 9 afirmaram ser "getulista" e atualmente filiados ao PDT).

Atrair trajetórias dos agentes que fazem parte do quadro diretivo das associações às questões ligadas à etnicidade e, mais especificamente, à construção de identidades étnicas negras significa explorar práticas e representações que fazem parte desse universo. São agentes que se enquadram em uma chamada classe média ou camada média⁴⁴, incorporando elementos que os identificam enquanto uma "*classe média negra*"⁴⁵, ou seja, trazendo com eles um discurso que exalta a igualdade social e econômica, e combatendo o racismo.

Quando o termo "identidade étnica negra" vem à tona nas entrevistas, percebe-se claramente, que a chamada "identidade negra" passa a ser uma categoria que classifica as pessoas que pertencem a um grupo específico, em função de uma suposta origem, que se valida na interação social que irá ativar os signos culturais que poderão diferenciar socialmente o grupo. Isso significa que é importante deixar clara a diferença entre o *Nós/Eles*, assim esses agentes se identificam e são identificados pelos outros. Essas diferenças são estabelecidas a partir de traços culturais supostamente advindos de uma "origem comum" e realçados nas interações raciais. Os fatores objetivos e subjetivos são necessários para que existam grupos étnicos ou raciais.

⁴² A maioria aposentada da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e Empresa de Correios e Telégrafos.

⁴³ A concentração está no Partido dos Trabalhadores: dos 22 agentes, 18 são filiados ao PT, 2 concorreram a vereador e 1 à vaga de deputado estadual.

⁴⁴ Ver discussão em BARCELLOS, Daisy M. *Famílias e ascensão social de negros em Porto Alegre*. Tese de Doutorado, 1996.

⁴⁵ Termo êmico, retirado das entrevistas realizadas durante o período de pesquisa de campo.

A identidade torna-se um elemento de importância fundamental para a realidade subjetiva e essa realidade encontra-se em uma relação dialética com a sociedade. A identidade, quando cristalizada, pode ser mantida, modificada ou remodelada pelas interações sociais.

A percepção e a construção de uma "identidade étnica negra" legítima os agentes envolvidos nos quadros diretivos das associações, na ocupação dos cargos disponíveis. Essa percepção e construção irá se adequar de acordo com determinado quadro histórico e principalmente os fatores ligados às diferentes trajetórias sociais e profissionais dos agentes.

Durante a pesquisa realizada podemos constatar a existência de dois grupos, bem demarcados, de indivíduos que atuam na direção das associações. O processo de renovação do quadros diretivos das associações é inevitável, assim, a direção dos clubes dividem atividades com a chamada "velha guarda". A "velha guarda", que ainda faz parte do quadro diretivo das associações, tem pontos de vista que divergem dos pontos de vista de integrantes da chamada "nova geração". Aí se dá parte de um certo confronto geracional dentro dos clubes, que se reflete nas atividades desenvolvidas pelas associações. Percebe-se também que há um esforço para que a chamada "tradição dos clubes negros" se alie à modernidade.

A modernidade, para o grupo em questão, está atrelada a alguns preceitos dos movimentos negros no país, por exemplo, trazer à tona as questões sobre a discriminação, desigualdades raciais e sociais, inclusão social, desenvolvimento sustentável, políticas de ação afirmativa e educação, que se tornam pauta de reuniões dos clubes, e temas de seminários abertos à comunidade. Essas novas atividades, nas associações, integram-se às atividades elaboradas e discutidas também por entidades do movimento negro. Aproximar os clubes sociais negros às entidades do movimento negro torna-se interessante para o tipo de "política" que se desenvolve nos clubes. É nas diferentes formas de "políticas", de percepção e construção de identidade étnica negra que se evidencia um conflito geracional nas associações. As relações dos clubes e dessa parcela da população negra continuam acontecendo ainda em um espaço à margem, em que as formas e práticas políticas são reforçadas na base de um certo clientelismo, que não mais se apóia no personalismo político, ou seja, na ajuda, apoio de um político, mas

agora, dentro de um espaço em que circulam militância e o engajamento na "causa negra", trazendo aos clubes um público jovem, um número maior de associados com um novo perfil, recursos financeiros de agências de fomentos que apóiam projetos nas políticas públicas voltadas para a população negra.

*[...] Precisamos levar essas discussões para dentro do Floresta também, não é só uma questão de ser ou não militante do movimento, é também os benefícios que podemos levar para os clubes[...]. A divulgação das atividades nos clubes, visibilidade, que a entidade precisa, visibilidade no Brasil inteiro também, sabe, seminários que acontecem aqui com pessoas importantes que vêm de outros estados, até o apoio financeiro para acontecer todos esses eventos [...]”⁴⁶
(Assessor atual do Floresta Aurora).*

O apoio financeiro, a visibilidade do clube, a inserção da entidade em uma rede do movimento negro são pontos importantes para a sobrevivência dos clubes, segundo seus dirigentes atuais. As relações políticas atuais se dão por meio desse envolvimento com entidades do movimento negro. Os interesses que unem as partes envolvidas não são exclusivamente do clube (do grupo), também estão em jogo interesses particulares. São acordos estabelecidos pelos dirigentes dos clubes e das entidades de interesse com a finalidade de unir esforços para que valha a pena a relação estabelecida para as duas partes. Isso significa que as entidades do movimento negro que apóiam os clubes trabalham para obter benefícios para as associações, esperando um retorno que corresponda ao investimento feito. Esse retorno está relacionado à discussão e à multiplicação das questões que giram em torno do movimento negro, ou seja, trazendo para dentro dos clubes atividades específicas em datas especiais, por exemplo, homenagens ao Zumbi dos Palmares, aos lanceiros negros da Revolução Farroupilha, o apoio dos clubes a pequenos grupos como a Frente Negra de Artes (de Porto Alegre), a discussão em torno das áreas remanescentes de quilombos, as cotas para negros na universidade, etc.

[...] É assim, nós ampliamos as atividades que acontecem aqui no Floresta, é importante para o clube, o povo tem que saber sobre a história do negro no Brasil, os assuntos que estão em pauta na política e que dizem respeito aos negros, isso incentiva os jovens ao estudo, que é a única forma de ascensão

⁴⁶ Entrevista realizada pela autora em agosto de 2004.

*social do povo negro[...]. Não é só festejar, temos que discutir cotas para negros, políticas públicas, tudo isso... Enfim, buscar espaço na sociedade[...]*⁴⁷ (Atual presidente da Sociedade Floresta Aurora).

Nesse caso, o clube, além de um espaço para *festejar*, também passa a ser um espaço de discussão e de busca de soluções para essas questões. A importância dessas mudanças se reflete na sobrevivência e na visibilidade dos clubes, que passam a fazer também parte de uma rede de entidades do movimento negro. Por fim, esse novo perfil de diretores traz com ele uma série de transformações em suas concepções desenvolvidas juntamente com a formação dos "novos" movimentos negros no país. Essas novas concepções passam a fazer parte da forma de atuação dos diretores e de condução dos clubes. Desse modo, as possibilidades de sobrevivência, de relações políticas e culturais dos clubes negros com outras esferas da sociedade se renovam.

⁴⁷ Entrevista realizada pela autora em novembro de 2004.

CONCLUSÃO

A presente dissertação procurou demonstrar as redefinições nas concepções de política e cultura, a partir da apreensão de trajetórias sociais dos atores envolvidos nos quadros diretivos dos clubes negros Floresta Aurora e Satélite Prontidão. Esses atores definem e redefinem, de forma dinâmica (inventam/reinventam), essas concepções de política e cultura a partir das relações, formas de atuação e condução dos clubes. Este estudo nos permitiu reconstituir esses conceitos em um espaço determinado de relações com atores sociais específicos.

Os agentes que atuam nesses espaços tomam posições e assumem determinadas atitudes, como a de se envolver com entidades do movimento negro (militantismo) e com isso assumir algumas atividades relativas à "causa negra" dentro das associações, ou assumem a posição contrária, ou seja, não fazem parte da rede estabelecida entre as inúmeras entidades do movimento negro. As atividades realizadas nas associações pelos "novo quadro diretivo" e pela "velha guarda" exigem um conhecimento prático da realidade em que se está inserido; será por meio dessas atividades que os agentes se comprometem, ou não, à chamada "causa negra" e com as "lutas" por definições legítimas. São atores que participam de visões próprias que se diferem a cada geração, ou seja, a existência de um conflito geracional definirá as atividades e o andamento dessas associações. As constatações empíricas trouxeram elementos importantes para a análise desse conflito geracional.

Observou-se, em campo, que as relações baseadas em práticas políticas clientelistas, apoiadas em um personalismo político muito utilizado pelos antigos diretores, passaram por transformações. As relações estabelecidas atualmente mantêm um diálogo constante com entidades do movimento negro, procurando apoio de todos os tipos para a sobrevivência das associações. As estratégias desses atores diferem de uma geração para outra, porém fica claro que algumas relações estabelecidas permanecem. A possibilidade de manter esses clubes com uma meta de ascensão social e de *status*, visando ainda à formação de uma certa "elite", que traz com ela atualmente, uma "maior politização", é considerada uma estratégia de manutenção de benefícios aos clubes sociais negros.

Esses agentes recorreram e ainda recorrem a alguns tipos de relações políticas dentro dos clubes, ou seja, aqueles que atendem a interesses próprios e conjugados aos interesses do grupo (no caso dos clubes), já que as alternativas de ação são poucas. Essas relações permitem que os membros da direção dos clubes conheçam os benefícios que receberão e reconheçam os membros ou entidades que poderão ajudar (apoiar) as associações, permitindo, ainda, unir esforços coletivos para tentar mais benefícios de interesse comum às partes envolvidas. Se em um primeiro momento, isto é, para a "velha guarda", essas práticas políticas estão estruturadas em relações personalistas entre presidentes, assessores ou conselheiros e figuras políticas, atualmente elas estão estruturadas nas relações com entidades do movimento negro e fundações de apoio a organizações negras.

As formas de atuação e condução dos clubes associadas à chamada "velha guarda" de diretores baseava-se em uma certa reciprocidade entre figuras políticas específicas e diretores, conselheiros e assessores. A "devoção" a um político e a disposição de assumir um seguidor passam a ser ações voluntárias, mais do que obrigações, cada um dos lados esforçando-se para fazer com que o acordo seja, no mínimo, razoável para um e outro. Nesse acordo, o político esforçava-se para obter benefícios para os clubes e, conseqüentemente, para os diretores e o clube (sendo representado pelos quadros diretivos), tentando mostrar o seu valor. De fato, essas relações aconteceram e mantiveram os clubes e seus diretores durante um longo período.

Durante as décadas de 1970 e 1980 as relações e formas políticas passam a sofrer alterações dentro dos clubes. As relações que anteriormente eram personalistas passam a fazer parte de uma rede de entidades ligadas ao movimento negro, ou seja, o militância com o movimento negro da "nova geração" de diretores se envolve nessas "novas" relações. Consolidando-se nos anos 90, essa "nova geração" de diretores consegue trazer para os clubes algumas questões de destaque discutidas pelo movimento negro, e desse modo, transformando algumas diretrizes das associações com a finalidade de incorporar-se a essa rede, revertendo essas novas atividades em benefícios para os clubes. Esses benefícios e apoio a cada clube passam a ser importantes para sua sobrevivência. Angariar novos sócios para os clubes, entre as entidades do movimento negro, passa a ser um objetivo e benefício importante. O estabelecimento de atividades

nas associações, que interessem às fundações de apoio a políticas públicas para a população, negra pode ser revertido em apoio financeiro para a realização das atividades e visibilidade maior dos clubes, tanto nessa rede de entidades do movimento negro quanto em outras esferas da sociedade em geral. As "novas" atividades desenvolvidas nos clubes passam por novas significações, ou seja, seminários, palestras, festas que tenham alguma ligação com o movimento negro são encaradas como "eventos políticos". As concepções de cultura e política nesse universo estudado estão em constante redefinição. Isso acontece quando entidades do movimento negro, por intermédio de membros do quadro diretivo dos clubes, organizam festas, palestras, seminários, no espaço das associações. Esses eventos recebem outros significados e são encarados como um processo de politização das associações negras.

Os meios de legitimação e os esforços para garantir os cargos disponíveis nos quadros diretivos das associações estão ligados, também, às concepções de política e aos interesses que movem esses agentes a assumirem tais cargos. Os processos de "politização" aqui trabalhados possuem significados diferentes, conforme as esferas sociais em confronto nas "lutas" pelos cargos. As diferenças entre as duas gerações e as estratégias utilizadas pelos agentes vêm das especificidades de cada posição ocupada por eles em diferentes esferas sociais e por meio das lógicas sociais. Os processos de construção de uma "identidade étnica negra", que se torna importante para os agentes que atuam ou atuaram no quadro diretivo das associações negras, passam por um jogo que funciona além da consciência desses indivíduos. Os agentes que estão envolvidos nesse jogo, investem no processo de maneiras diferentes, dependendo então, das estruturas do espaço em que atuam e dos recursos adquiridos em suas trajetórias sociais e profissionais (BOURDIEU, 1996).

Parte considerável das diferenças de concepções, estratégias e atuação dos agentes envolvidos com o quadro diretivo das associações decorre das tomadas de posição nas diferentes esferas e lógicas sociais. Assim, algumas formas de inserção social servem para apresentar agentes "aptos" a ocuparem os cargos de presidente, diretor, assessor, etc, nas associações. A relação existente entre a atuação no quadro diretivo e a atuação em entidades do movimento negro serve, também, como apresentação de agentes para os cargos, assim como a relação entre associações/tradição serve para a permanência de alguns agentes nos cargos. São também nessas relações que

estão os diferentes construtos de "identidade étnica negra" que pautam algumas das atividades nas associações.

Na renovação do quadro diretivo das associações a maioria dos agentes volta-se para uma atuação mais comprometida com os "movimentos negros". Esses agentes atuam com a finalidade de renovar o quadro de sócios dos clubes nessa rede de entidades do movimento negro, associando, assim, esse tipo de atuação a uma certa "modernização" das associações, tentando incluir os clubes no circuito de entidades do movimento negro e captando alguns recursos financeiros e relações importantes para manter os clubes.

As "novas" atividades desenvolvidas nas associações passam a ter um caráter mais "engajado", ou seja, são seminários, palestras, reuniões que procuram ter como temática principal as políticas de ação afirmativa, as questões que giram em torno de uma construção de uma "identidade étnica negra". Como exemplo, a Sociedade Beneficente Floresta Aurora e a Associação Satélite Prontidão costumam promover palestras que discutem as cotas para os negros nas universidades. Para os agentes chamados de "velha guarda", que ainda atuam nos quadros diretivos das associações, as atividades consideradas "tradicionais" são o "carro-chefe" das associações. Para a "velha guarda", os jantares, os bailes de debutantes e as festas ainda caracterizam e identificam as entidades como "clube social", isto é, como sociedades culturais e beneficentes, construindo, assim, uma fronteira entre os clubes e o movimento negro.

As diferentes relações estabelecidas por esses agentes dependem de diferentes bases de recursos de legitimação, esferas de sociabilidade e lógicas sociais. A diversidade profissional desses agentes, por exemplo, pode ser um recurso utilizado para as diferentes lógicas de legitimação nos cargos ocupados nas associações e também em outras esferas sociais nas quais podem ou poderão atuar. Na maior parte dos casos a atuação nas associações é encarada como um prolongamento da profissão do agente; isto acontece, principalmente, com os indivíduos do quadro diretivo atual (a "nova geração"), que são advogados, administradores, jornalistas, etc., encarregados das atividades ligadas às suas profissões, ou seja, cargos nas assessorias jurídicas, assessorias de imprensa e outras.

A posição social atual e as origens sociais estão vinculadas aos tipos de atuação em que se insere a trajetória social e profissional de cada agente. Sendo assim, esses agentes se caracterizam por uma importante mobilidade social e profissional que os diferencia, tendo um reflexo no tipo de atuação nos clubes. Nesses casos, o exercício profissional desses novos diretores pode também ser um recurso de acesso a esses cargos e a outras esferas de atuação (esferas que, na maior parte dos casos, nesse estudo, estão ligadas à filiação e atuação em partidos políticos e entidades do movimento negro). Essas atuações, fora dos clubes, podem ser reconvertidas em recursos para a ocupação de cargos disponíveis nas associações. A reconversão aqui citada está associada às motivações de cada agente, às suas origens ou vinculações político-ideológicas incorporadas em suas trajetórias sociais e profissionais. Desse modo, é preciso que ocorram determinadas condições sociais que dêem sentido a essa prática, dependendo assim de situações particulares.

A "nova geração" de diretores tem modalidades de relacionamento e de conceber algumas atividades políticas diferentes das da "velha guarda". Portanto, a chamada "maior politização" aqui está relacionada com o que esses agentes entendem como "uma visão mais intelectualizada", "engajada" ou "militante" de atuação nas associações negras. Os agentes da "velha guarda" têm uma ligação direta com uma visão mais culturalista que se reflete nas atuações e atividades priorizadas por eles nas associações. São transformações nas relações e formas de atuação nos clubes; essas mudanças permitem reconstituir essas concepções, as fronteiras a partir das redefinições de concepções de atores sociais específicos em um universo de estudo específico.

As atuações políticas se dão de formas diferentes, a "maior politização" não significa que o outro grupo de agentes seja "menos" politizado. Essas diferenças estão vinculadas aos diferentes percursos de cada agente, e por momentos históricos vividos por um e outro grupo. Há momentos em que os grupos encontram-se em pólos opostos e momentos em que tentam aliar as diferentes visões e atuações. Os atores tentam articular socialmente suas diferenças, tornando-as uma negociação complexa que procura conferir autoridade aos "hibridismos" culturais que emergem em momentos de transformação histórica (BHABHA, 1998, p. 21).

Os dois últimos capítulos da dissertação procuraram demonstrar que, através de narrativas das duas gerações que atuam nos quadros diretivos, as diferenças de percurso, trajetória e capital adquirido definem o modo de atuação nas associações. Assim, é importante definir e estabelecer barreiras no que diz respeito às associações e entidades do movimento negro. Os argumentos desses agentes permitiram compreender as definições e as fronteiras estabelecidas nas associações, que revelam os princípios de estruturação desses espaços. Desse modo, vimos que, por um lado, há uma forma de atuação nas associações que prioriza os pilares tradicionais das entidades sustentados por uma geração chamada "velha guarda", que traz com ela práticas e representações ligadas ao chamado "auge dos clubes sociais". Por outro lado, a chamada "nova geração", com a pretensão de priorizar uma problemática "mais política" dentro das associações, fazem disso uma forma de atuação mais ligada ao movimento negro.

É evidente que existe uma oposição e um conflito geracional, mas também fica claro que a sobrevivência dessas associações depende de um trabalho conjunto. Priorizar uma ou outra atuação, dentro das entidades, limita e impõe certas maneiras de tratar e levar adiante as diversas atividades dos clubes. As atividades que são realizadas nas associações, a atuação dos diretores – fora e dentro desse espaço –, a forma de apresentação dos clubes para a sociedade e sua repercussão, fazem com que se pense conciliar as idéias de "tradição e modernidade". Nesse sentido, existe a preocupação em "manter" o que representa a "tradição" das associações, na figura de conselheiros e presidentes de uma geração que atuou nos clubes durante as décadas de 50 e 60, principalmente. Do mesmo modo, a introdução de uma atuação mais militante também se torna necessária para que o desenvolvimento das associações caminhe com a concepção de "modernidade" constituída pelos atores em questão.

Esse novo direcionamento das associações negras faz parte de um processo ligado às diferentes trajetórias (profissionais, sociais, escolares, etc.) que conduzem a atuação desses agentes. Desse modo, revela-se, também, uma série de valores, representações e disposições sociais que permite apreendermos as lógicas de engajamento, o investimento, o recrutamento dos indivíduos para um determinado posto e segmento de atuação nas associações.

Esses cargos disponibilizados pelas associações se constituem também como objeto de confronto entre os diferentes agentes que fazem parte de segmentos diferentes. Assim se dão as perspectivas, interesses e concepções que se aproximam das diferentes formas de legitimação, representação e práticas que interessam a cada grupo. Por fim, o valor dado às concepções de cultura ou de política, sob a forma de relações e atuações dentro dos clubes, nos permitiu analisar as redefinições e reinvenção dessas concepções. Isso envolve, de forma mais ampla, reconstituir, a partir do recorte feito nesse estudo, conceitos de sociedade civil, cidadania, através dessas diferentes concepções dos atores que definem/redefinem as fronteiras da cultura e política, disputando assim, suas próprias fronteiras em um jogo de interesses e estratégias para a manutenção dos clubes sociais negros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo, 1888- 1988*. Bauru: EDUSC, 1998.
- ANJOS, José C. G. *Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde. Lutas de definição da identidade nacional*. Porto Alegre (Brasil) e Praia (Cabo Verde): UFRGS/INIPC, 2002.
- ANJOS, José C. G. *O território da linha cruzada: rua Mirim versus Nilo Peçanha em Porto Alegre (1992-1993)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- BANTON, Michael. Etnogênese. In: BANTON, Michael. *A idéia de raça*. São Paulo: Edições 70/ Martins Fontes.
- BARCELLOS, Daisy M. *Família e ascensão social de negros em Porto Alegre*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas: Ed. Papyrus, 1996.
- _____. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992.
- _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.
- CENTURIÃO, Luiz R. M. *Identidade, indivíduo e grupos sociais*. Curitiba: Ed. Juruá, 2002.

CORADINI, Odaci L. *Em nome de quem? Recursos sociais no recrutamento de elites políticas*. Rio de Janeiro: Ed. Relume /Dumará, 2001.

CORCUFF, Philippe. *As novas sociologias: Construções da realidade social*. Bauru: EDUSC, 2001.

COSTA PINTO, L. A. *O negro no Rio de Janeiro: Relações de raças numa sociedade em mudança*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

DUBAR, Claude. *Une sociologie (empirique) de l'identité est-elle possible?* In: GUTH, Suzie (Org.). *Une sociologie des identités est-elle possible?* Tome III. Paris: Editions L'Harmattan, 1994.

ELIAS, Norbert. *Introdução: Ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-outsiders*. In: ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

_____. *A sociedade dos indivíduos (1939)*. In: ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classe*. São Paulo: Ed. Dominus, 1965. Vol. 2.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1969.

_____. *Sobrados & Mucambos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

GERMANO, Íris G. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: Os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40*. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 1999. (Dissertação de mestrado).

GILROY, P. *O atlântico negro*. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes/Ed. 34, 2001.

GIDDENS, A. & TURNER, J. (Orgs.) *Teoria social hoje*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

GUIMARÃES, Antonio A. S. *Raças e pobreza no Brasil*. In: GUIMARÃES, Antonio A. S. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002, pp. 47 – 75.

_____. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Fundação de apoio à Universidade de São Paulo/Ed. 34, 1999.

_____. *Cor, classes e status nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia: 1940-1960*. In: MAIO, M. & SANTOS, R. (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

_____. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HANCHARD, Michel G. *Orfeu e o Poder. Movimento negro no Rio e São Paulo*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

HASENBALG, Carlos. *Entre o mito e os fatos: Racismo e Relações raciais no Brasil*. In: MAIO, M. & SANTOS, R. (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.

IANNI, Octavio. *Raças e classes sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1972.

MAGGIE, Yvonne. *"Aqueles a quem foi negada a cor do dia": As categorias de cor e raça na cultura brasileira*. In: MAIO, M. & SANTOS, R. (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.

MERQUIOR, José G. *O véu e a máscara: Ensaio sobre cultura e ideologia*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1997.

NOGUEIRA, Oracy. *Tanto preto quanto branco: Estudos de relações raciais*. São Paulo: Ed. T. A. Queiroz, 1985.

PINCHEMEL, Philippe. *La face de terre éléments de géographie*. In: _____. *Régions et territoires*. Paris: Armand Colin Éditeur, 1998.

POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação Editora de UNESP, 1998.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. *Lá vem o meu parente: As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (séc. XVIII)*. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2002.

SAINTENY, Guillaume. *Logiques d'engagement et logiques de rétribution au sein de l'écologisme français*. In: Cahiers Internationaux de Sociologie, Vol. CVI [pp. 175-200], 1999.

SILVA, Marcelo Kunrath. *Cidadania e exclusão. Os movimentos sociais urbanos e a experiência de participação na gestão municipal em Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

STIELTJES, Cláudio. *Mundo da vida e sistema*. In: STIELTJES, Cláudio. *Jürgen Habermas. A desconstrução de uma teoria*. São Paulo: Germinal Editora, 2001, pp. 238-300.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira. Uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume/Dumara, 2003.

VOGT, Carlos & FRY, Peter. *O mundo social e cultural do Cafundó: estrutura e estratégia*. In: VOGT, C. & FRY, P. *Cafundó. A África no Brasil: linguagem e sociedade*. São Paulo: Ed. UNICAMP/Companhia das Letras, 1996.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade. Fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol. I. Brasília: Ed. UNB, 1991.